

Stadium



Sério, cujos progressos são evidentes, num mergulho oportuno — que evita um golo!



O ataque do Benfica conduziu bem o jogo até à area perigosa, mas aí concluiu mal. Vemos em acção Espírito Santo, num salto maravilhoso, Arsénio e Júlio. Serafim, atento e rápido, vai intervir e inutilisar o golpe

N.º 261

4 DE DEZEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Por enquanto as indicações são escassas

Porto, Belenenses e Sporting parece ser o triunvirato da força

Jornada de inverno e de vitórias em casa

Crónica de TAVARES DA SILVA

... E começa novamente o movimento dos aleatruzes, uns sobre e os outros descem, dificilmente contentando-se cada um com a Sorte que a Prova lhe destina. Já um pouco diluída a amarga recordação do Portugal-França (quem vive feliz não gosta das coisas que perturbem essa felicidade!), a atenção de todos volta-se para a Primeira Divisão, o Torneio que permite o cálculo das probabilidades mesmo a quem não sabe quase nada de matemática!

A 2.ª jornada, e a primeira de invernica, com mau tempo, chuva e frio, e com os terrenos ou enlameados ou empapados de água, forneceu os seguintes números:

Resultados apurados:

Belenenses . . . 4 — Benfica 1
Sporting 3 — Vitória G. . . . 2
Estoril 5 — Atlético 4
Porto 3 — Boavista 0
Olhanense . . . 1 — Vitória S. . . . 0
Sport. Braga 2 — Académica . . 1
Elvas 7 — Lusitano 0

A jornada portou-se à altura da situação. Certamente, o futebol não brilhou: pode, mesmo, dizer-se que o futebol esteve em paralelo com o dia, chuvoso, sorumbático, com cara de poucos amigos. Vencendo-se, mais uma vez, que os portugueses jogam menos em terrenos difíceis, não sabendo lidar as dificuldades.

Os rectângulos de relva foram os menos prejudicados, aqueles que permitiram o desenvolvimento de esquemas que — nem sempre se traçaram. Em conjunto, porém, a jornada não desmereceu dando alguns trechos de futebol de qualidade.

Dominou a espécie de resultados nivelados. Pelo menos, em quatro encontros, não só os números como o próprio jogo exprimem equilíbrio de forças. Podendo acrescentar-se que dos quatro jogos nivelados dois deles (Estoril e Braga) podiam ter outro sinal. No de Braga, o árbitro chegou a mandar a bola ao centro e seria o empate. Mas o chamado golo fantasma desapareceu como que por encanto, escondendo-se pela opinião de um dos auxiliares da arbitragem.

Além dos jogos iguais verificou-se ainda: um *score* de desnível em Elvas, começando o Lusitano a pagar o tributo da sua entrada para as altas esferas; um desfecho inesperado, separando com um traço muito largo o Belenenses do Benfica; e a superioridade manifesta do F. C. do Porto sobre o outro representante local, no momento em que este afirmava boa forma de conjunto.

A 2.ª jornada foi dedicada completamente aos que beneficiaram

do favor do seu campo. Nenhum dos visitantes conseguiu arrancar, em casa estranha, ao menos um ponto. Pormenor de grande importância, sabendo-se que uma Prova desta natureza se ganha principalmente com os pontos alcançados *fora de casa*...

Feitas estas considerações, aconselhamos o *adepto do jogo* a perder um pouco de tempo na contemplação da *Tabela de Pontos* que publicamos, consulta indispensável a quem pretender ficar a-par do desenvolvimento da Primeira Divisão.

Há desafios que na sua evolução, dão ensejo a todas as hipóteses. Está neste caso o Belenenses-Benfica.

Os benfiquistas tiveram uma melhor primeira parte. De um modo geral, o seu futebol, mais vivo e animado, ainda mais rápido, obrigou os belenenses a meterem-se dentro da fórmula defensiva. Esta vantagem só teve um corte, o rápido período da gigantesca reacção belém após o golo inicial do desafio, de impulso do hérculeo Vasco. Mas a melhor articulação dos *camisolas encarnadas* era patente: a ligação da linha média com a dianteira, e os rápidos movimentos de desmarcação dos avançados abriam brechas no sistema defensivo de Belém e criavam as chamadas *oportunidades*. Simplesmente, não basta criá-las; é preciso não desperdiçar a ocasião e saber desferir o golpe certo. Ora, os benfiquistas, como rematadores, merecem um zero. Tome-se como exemplo Vitor Baptista que, sozinho, com as balizas à sua disposição, nunca soube disparar a arma. E era tão fácil...

O Belenenses mudou a face do jogo no segundo tempo. E mudou-a radicalmente. Continuando com as malhas da defesa muito apertadas, o trabalho do seu ataque melhorou consideravelmente (má ideia dar o posto de interior a Conceição, depois atenuada com a passagem deste para a extremidade da asa), começando a aparecer logo de início infiltrações perigosas. Ao contrário do Benfica, os belens preferiram a passagem em profundidade no sistema que, num ou dois golpes, faz chegar à boca das redes e permite o disparo. Dos 11 aos 15 minutos, o Belenenses colocou-se em vencedor sem dar o direito de recurso ao adversário e de aí em diante quase tudo foi harmonioso e fácil para os das Salésias, difícil e desarticulado para os *visitantes* vindo ao de cima a falta de segurança do defesa central.

Belenenses — Sério, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Sera-

fim, Nunes, Conceição, Teixeira, Duarte e Narciso.

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Vitor Baptista.

Árbitro — Vieira da Costa (do Porto).

Marcadores — Do Belenenses: Teixeira da Silva (2), Narciso e Duarte; do Benfica: Júlio. Ao intervalo — empate 1 a 1.

O jogo do Sporting fez brilhar o adversário. Na verdade, o *leam* de Guimarães deu-se ao luxo de denominar territorialmente, fazendo algumas vezes *associação* de puro quilate. Na primeira parte, enquanto as forças físicas não se abalaram, o grupo, sempre com magnífico entusiasmo, mostrou-se forte na defesa sobressaindo o defesa lateral esquerdo, com os três elementos bem colocados e exímios na antecipação — e rasoavelmente ligado no sector dianteiro. Mesmo quando se desmanchou a combinação medular, o onze não deixou de lutar bravamente.

O Sporting viu-se em sérias dificuldades para plantar os dois golos do adversário obtidos no aproveitamento de *deixas*. Valeu-lhe um *remate de bandeira* do centro-avanzado Sidónio.

Pode afirmar-se, portanto, que a linha atacante cumpriu o seu dever, ao ponto de conseguir, como as coisas correram, os golos suficientes para se colocar em vencedor. Verdade seja, só uma linha da frente como a dos *leões* seria capaz de fazer alguma coisa, não tendo apoio de nenhuma das unidades atrasadas.

Tanto os chamados médios de ataque, como as defesas, que não devem esquecer a obrigação de ligar as passagens fizeram a demonstração de *como se passa mal*,

não mostrando um nível mínimo de compreensão de futebol. A *vilória pela tangente* surge, assim, como um desfecho bastante favorável às cores verde-brancas.

Sporting — Azevedo, Moreira, Juvenal, Mateus, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

V. de Guimarães — Machado, Garcia, Curado, Luciano, Armando Ramos, António Costa, Alexandre, Miguel, Brioso, Teixeira e Aleino.

Árbitro — Cunha Pinto (de Setúbal).

Marcadores — Do Sporting: Sidónio (2) e Vasques. De Guimarães: Brioso e Alexandre. Ao intervalo — empate 1 a 1.

A partida disputada no campo da Amoreira foi das mais interessantes de toda a jornada. Ambas as equipas bateram-se com o maior entusiasmo, procurando fazer bom futebol e adaptar-se às condições do terreno.

Não estava indicado o passe curto e lateral, mas sim a passagem larga ou rectilínea e a rapidez de execução. Foi esse caminho que os dois grupos seguiram, batendo-se sem treguas. Houve, de modo geral, futebol alternado num e noutro campo. Certamente, em vários trechos, uma das equipas levou a melhor sobre a outra. Mas nunca esse domínio foi intenso e completo.

Além de tudo, como se marcaram nove bolas, a assistência manteve-se sempre interessada. Veio, afinal, a ganhar a equipa mais protegida pela sorte: basta dizer que um homem do Atlético enfiou a bola nas suas próprias redes num momento decisivo, e não será preciso invocar outras razões, entre as quais a da arbitragem, para fazer o apelo à lei da Sorte e do Azar.

Estoril — Laranjeiro, Pereira, Elói, Fragateiro, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Atlético — Ernesto, Armindo, Rosário, Pereira, Morais, Franco, Martinho, A. Carneiro, Vital, Rogério e Caninhas.

Árbitro — Luís de Magalhães, (de Lisboa).

Marcadores — Do Estoril: Raul Silva (2) Lourenço, Armindo nas próprias redes, e Bravo. Do Atlético: Martinho, Vital, A. Carneiro e Caninhas. Ao intervalo — 2-1 a favor do Estoril.

O Porto só esteve sossegado do 2.º golo em diante. Até esse momento que revela, especialmente,

Tabela de pontos

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
F. C. Porto . . .	2	1	—	—	4-0	1	—	—	3-0	2	—	—	7-0	4	
Belenenses . . .	2	1	—	—	4-1	1	—	—	1-0	2	—	—	5-1	4	
Sporting	2	1	—	—	3-2	1	—	—	4-1	2	—	—	7-3	4	
Olhanense	2	1	—	—	1-0	—	1	—	3-3	1	1	—	4-3	3	
Estoril	2	1	—	—	5-4	—	1	—	1-1	1	1	—	6-5	3	
Elvas	2	1	—	—	7-0	—	—	1	0-4	1	—	1	7-4	2	
Benfica	2	1	—	—	6-1	—	—	1	1-4	1	—	1	7-5	2	
Boavista	2	—	—	1	0-3	1	—	—	2-0	1	—	1	2-3	2	
Braga	2	1	—	—	2-1	—	—	1	1-6	1	—	1	3-7	2	
Académica	2	—	1	—	3-3	—	—	1	1-2	—	1	1	4-5	1	
Lusitano	2	—	1	—	1-1	—	—	1	0-7	—	1	1	1-8	1	
Vitória (G)	2	—	—	1	0-1	—	—	1	2-3	—	—	2	2-4	0	
Atlético	2	—	—	1	1-4	—	—	1	4-5	—	—	2	5-9	0	
Vitória (S)	2	—	—	1	0-2	—	—	1	0-1	—	—	2	0-3	0	

o seu melhor remate, a luta manteve-se indecisa, devendo afirmar-se que o Boavista parecia capaz de dar o d'ó de peito,

A vocação territorial inclinava-se a favor dos boavistas que, no primeiro tempo, fizeram boa exibição de conjunto, muito atentos na defesa e de boas desmarcações no ataque. Certamente, o Porto não se deixou dominar por completo, mas o seu futebol era menos organizado, dando a impressão de que o *team* andava em busca do golpe de *knock-out*, e não se preocupava com o conjunto.

O Boavista, não transformando em tentos algumas estupendas oportunidades forçadas pelos seus movimentos de equipa bem adestrada, deixou em poder do adversário os melhores triunfos. E como não há nada melhor para provocar o desgaste do que os golos, os campeões puderam, de certa altura em diante falar alto a linguagem da superioridade, transformando o Boavista-Porto num encontro igual aos antecedentes.

Boavista—Santiago, Raimundo, Pereira, Garcia, Serafim, Ramos, José Calado, Armando, António Calado, Fernando Calado e Barros, **Porto**—Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Gastão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Virgílio.

Árbitro—Luís Vilaça (de Lisboa).

Marcadores—Do Porto: Freitas, Araújo e Correia Dias, Ao intervalo 1-0 a favor do Porto.

* * *

É difícil fazer um bom resultado em Olhão, pois os algarvios crescem no seu clima e gostam de dar aos seus adeptos bons modelos de futebol.

1-0 não diz o que foi a partida, embora traduza a energia com que os setubalenses se defenderam. Mas, indiscutivelmente, os olhanenses dominaram em jogo e instalaram-se no campo do adversário sacudidos de quando em vez pelas reacções energéticas dos vitórias. No lado setubalense, raramente se registou o sentido do conjunto, a devida ordenação de passes dando a sensação de que os jogadores estão aptos a jogar de olhos fechados. Os setubalenses lutaram, cada um fazendo o seu máximo de esforço, mas procurando antes de mais nada defender, e a ideia de defesa poucas vezes conduziria ao futebol de conjunto.

Pelo contrário, os algarvios tiveram talento suficiente para articular os lances, às vezes da extrema defesa ao ataque, sem um toque a mais ou a menos e sem uma hesitação. A diferença escassa de bolas nem sequer deve ser levada à conta de mau remate, mas sim a uma exibição magnífica, das inesquecíveis na vida de um jogador, de Baptista, um valor de Setúbal.

Olhanense—Abraão, Rodrigues, Nunes, Januário, Grazina, Acácio, Moreira, Soares, Cabrita, Joaquim Paulo e Palmeiro.

V. de Setúbal—Baptista, Ameixa, Figueiredo, Primo, Pina, Jacinto, Campos, Viegas, Tavares, Rendas e Cardoso Pereira.

Marcadores—Do Olhanense: Cabrita. Ao intervalo — empate sem bolas.

Foram expulsos dois jogadores,

um de cada lado: Nunes e Rendas. O facto deve ter exercido influência no desenvolver da partida.

* * *

O Sporting de Braga conquistou os primeiros louros na competição! Deve-se dizer-se que — pelo que jogou e pela superioridade no futebol do conjunto — mereceu o triunfo, mas o certo é que este foi difícil de arrancar, e arrancado com sorte.

Na verdade, os bracarenses movimentaram-se com rapidez, e, tendo desmarcações de boa concepção, acertaram-se muitas vezes das balizas contrárias, mas aí, no momento da verdade, falharam por completo, não aplicando quisse um remate certo e forte.

Por mais que se diga aos avançados que, na zona do remate, se devem dominar, eles não o conseguem — e o seu nervosismo gera derrotas.

A Académica foi-se adaptando à situação, e ao sentir o pouco espírito prático do seu adversário compreendeu que podia vencer... E lançou-se na segunda parte ao ataque com genica e decisão. Nessa altura — a sorte não amparou o grupo, que veio a perder de uma maneira obscura. Devendo apontar-se na lei das atenuantes: uma unidade da Académica com lesão; um golo marcado nas próprias redes; e por fim a invalidação de uma bola obtida por Bentes, em condições estranhas.

S. de Braga—Salvador, Palmeiro, Sobral, Joaquim, Daniel, Marques, Nelo, Elói, Mário, Diamantino e Cassiano.

Académica—Prates, Messias, Diogo, Brás, Branco, Azeredo, Anibal, Pacheco Nobre, Atás, Nana e Bentes.

Árbitro—Correia da Costa (do Porto).

Marcadores—De Braga: Diamantino e Diogo (nas suas redes). Da Académica: Atás.

Ao intervalo — 1 a 1.

* * *

O Elvas evidenciou em todos os capítulos nitida superioridade. Os do Lusitano, remetidos à defesa, fráguas no ponto de vista físico e sem a experiência que, aliás, muito vale, não perderam a coragem e o seu espírito de luta deve por-se em destaque.

Os lusitanos fizeram tudo quanto é possível para tornar a vida difícil aos elvenses, mas estes que, logo de início, a por-se a coberto de surpresas, haviam caído a fundo, puderam desenvolver os seus lances sem atrições, obrigando o adversário a correr atrás deles — o que sucede sempre que um grupo domina e o outro se vê obrigado a consentir no domínio.

Elvas—Semedo, Galinho, Oliveira, Rebelo, Neves, Gomes, Vieira, Massano, Patalino, Augusto e Angelo.

Lusitano—Isaurindo, Mortágua, David, Camarada, Caldeira, Madeira, Almeida, Angelino, Helder, Caldino e Germano.

Árbitro—Abel Ferreira (de Lisboa).

Marcadores—Do Elvas: Patalino (2), Massano (2) Rebelo (2) e Angelo.

O guarda-redes do Lusitano portou-se muito bem, deixando rasto de classe em Elvas. — T. S.

Album dos Jogadores

Nova Separata da «Stadium»

STADIUM, seguindo uma velha tradição e reatando as suas «Separatas» que tão bom acolhimento tiveram sempre por parte dos seus leitores, publicará, a partir do 1.º número de Janeiro do Novo Ano, e em cada número, uma «Separata» com uma esplêndida fotografia em ponto grande de dois jogadores de futebol durante todo o tempo que durar o Campeonato Nacional.

Os adeptos do jogo ficarão, desta maneira, com um album completo dos melhores jogadores portugueses, admirável recordação e evocação. As grandes figuras de todos os clubes concorrentes ao Campeonato farão parte deste sensacional ALBUM DE JOGADORES constituído por belas fotografias.

No sentido de regularizar a tiragem, que acarreta uma pesada despesa, os nossos Agentes devem indicar-nos imediatamente o número de exemplares que desejam, a partir da publicação do ALBUM DE JOGADORES, e bem assim todo aquele que queira adquirir a nova «Separata».

A sede da «Stadium» é na Rua da Rosa, 252-1.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

O Vianense surpreendeu o Famalicão

Bom comportamento dos clubes de Aveiro, do União de Coimbra, Barreirense, Cuf, Portimonense, Portalegrense e Vila Real

Houve surpresas e de categoria, nesta jornada. Vamos lá principiar, indicando-as no sentido Norte-Sul: O Vianense empatou com o Famalicão, sem qualquer dos grupos haver marcado golos, e todos os adeptos do futebol ficaram por certo impressionados com a proeza. Os clubes do Porto — Salgueiros, Leixões e Académico, perderam os seus desafios contra equipas de Aveiro (Sanjoanense e Oliveirense) e de Vila Real (o Sport Clube). O União de Coimbra surpreendeu pela sua vitória contra o Sporting da Covilhã. O Sport Lisboa e Viseu, que não deve valer hoje o Académico da sua cidade, não conseguiu fazer figura na frente do Alcaboga, que teve de atravessar alguns distritos para ir jogar à Beira Alta. O Operário, campeão da 2.ª Divisão da A. F. L., registou a sua primeira derrota, mas tão expressiva que não deixa dúvidas quanto à superioridade do Oriental, agora com outro tino de equipa. O Portalegrense, ganhando ao Desportivo de Beja, colocou-se na vanguarda com o Portimonense. E as dificuldades do Barreirense e do Casa Pia também podem incluir-se no número dos resultados dignos de referência especial...

Resultados gerais da jornada

Vianense 0-Famalicão 0, Sanjoanense 3-Salgueiros 2, Académico 1-Vila Real 3, Oliveirense 3-Leixões 1, Ferroviário 2-Naval 2, S. L. Cast. Branco 3-Leões de Santarém 0, União Coimbra 4-Sp. Covilhã 2, S. L. Viseu 1-Gin. Alcaboga 3, Operário 3-Oriental 12, Onze Unidos 3-F. Benfita 3, Barreirense 2-Luso 1, Casa Pia 3-Cuf Barreiro 4, Portalegrense 2-Desp. Beja 1, União Montemor 0-Moura 0, Portimonense 6-Campomaiorense 0.

Na Zona A, as maiores surpresas

O Famalicão foi jogar a Viana do Castelo, e aqui demonstrou com exuberância que a vantagem de jogar em casa pesa como chumbo

derretido. O Famalicão empatou 0-0; e depois disto classificou-se o Vila Real em 1.º lugar, visto que no Lima conseguiu ganhar ao Académico do Porto, — que não possui grupo de boa categoria.

Foi o Salgueiros perder a S. João da Madeira, com o brioso clube local por 3-2. É sempre uma vitória, evidentemente, mas os portugueses portaram-se bem. Em Oliveira de Azeméis aconteceu o mesmo. Ou quase. Os oliveirenses venceram o Leixões por 3-1, e os dois ex-componentes do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão ficaram assim com dois pontos cada, tantos como o Famalicão e o Leixões, que dominaram na jornada anterior.

O União de Coimbra ganhou a um dos «leaders» da Zona B

Deve ter sido, certamente, uma boa surpresa. O União de Coimbra, que não tinha pontos, por haver perdido na primeira jornada, venceu por 3-2 o Sporting da Covilhã, equipa que entrara no campeonato com 11-0, obtidos contra o infornado Sport Lisboa e Viseu. Colocaram-se entretanto a Naval da Figueira Foz, Castelo Branco, o Alcaboga e o Ferroviário em primeiro lugar, com três pontos cada. Os figueirenses empataram com os rapazes do Entroncamento, no campo do adversário, e o Alcaboga não perdeu tempo em Viseu, pois ganhou sem margem para dúvidas. Em Castelo Branco, os scalabitanos perderam por números expressivos.

Domina o Barreiro na zona C

O Barreiro tem 4 clubes na prova. No domingo, o Barreirense jogou contra um grupo da terra, o Luso, que não tinha pontos e sem eles continua. Assim, o antigo grupo da 1.ª Divisão passa a comandar, com 4 pontos, tantos como a «Cuf» da mesma vila, vencedor do Casa Pia no campo da Amadora. O Onze Unidos, que o ano passado conse-

(Continua na pág. 8)



AINDA não há muitos dias, numa roda de amigos e conhecidos, tivemos de responder a esta pergunta audaz e atrevida:

— Porque fala você tanto da gente do Porto?

Sorrimos e compreendemos. O adversário por certo pensava que por este facto simples nos podia chamar parcelo ou portista. Desconhecendo certamente que um matemático fala mais sobre números que um arqueólogo, que a um fisiologista interessam especialmente as doenças pulmonares; ou que Alexandre Herculano era mais historiador que oficial do

JOGADOR DE GRANDE FUTURO

ANGELO de CARVALHO

que nasceu em Coimbra e começou a jogar no F. C. P.

diz-nos o que pensa, «à moda do Porto...»

exercício... Na verdade, se falamos ou escrevemos um pouco mais sobre o Porto, talvez o motivo resida no conhecimento que temos da sua actividade, no passado como no presente. Todavia, não deixando embora de ser coerente e justo, nem por sombras para o caminho do elogio habilidoso, apontando sistematicamente este ou aquele como o melhor do mundo, metendo-nos em terreno resvaladiço, mantímo-nos ou petulante.

Teria sido esta a nossa resposta. Mas ouvimos ainda dizer mais o seguinte:

— Agora, lá do Porto, pretendem impingir-nos um mediosito chamado Carvalho. Como se por cá pudessemos colaborar em aventuras... Por felicidade, este ou outros pensamentos são em pequeno numero. Deveríamos ter ouvido referências iguais quando Francisco Ferreira saiu do F. C. Porto para o S. L. e Benfica, talvez contra a nossa opinião sempre firme, imbatível, e nem por isso o excelente médio deixou de ser internacional dos mais valorosos.

Apresentemos, portanto, o mediosito Angelo Carvalho. Mas apresentemo-lo apenas com esta legenda modesta: «Para ser bom, como é, não precisa de ter por si etodas» as opiniões. Chega-lhe o que sabe.

* * *

Este enérgico rapaz, recentemente chamado a suplente do Grupo Nacional, principiou a sua carreira desportiva nos juniores do F. C. Porto. Os dirigentes do clube campeão repararam nas suas magníficas qualidades, a despeito de lhe faltar altura, mas não puderam impedir que viesse a fixar-se por um tempo em Coimbra, onde representou o União.

A vida militar afastou-o, e daí o seu ingresso na simpática equipa de Luis Lucas. Porém, o F. C. Porto espreitava-o, e por nada queria perder o seu jogador — que é natural de Coimbra!

Concluído o tempo da tropa, mesmo a despeito de, na mesma época, haver alinhado pelos unionistas, o F. C. Porto reclamou o regresso de Carvalho à base. Houve qualquer atrito, por via da opposição coimbricense, claro está, mas os portuenses justificaram a sua atitude com energia e o Director Geral dos Desportos concedeu.

Assim, Angelo Carvalho, tendo saído para a tropa ainda como promotor elemento das categorias inferiores do seu clube, — voltou para jogar no team de honra. O União de Coimbra teve de ceder, visto que o despacho era claro: «Terminado o seu impedimento, teria de regressar ao clube da origem, caso este o desejasse...»



Carvalho, no seu estilo característico, intercepta uma passagem do adversário. A fase que reproduzimos é de um encontro Porto-Comunicação

Pelos vistos, os técnicos do F. C. Porto estavam bem avisados sobre o valor do rapaz...

* * *

— E como encarou Você a solicitação do F. C. Porto?

Carvalho é um moço que respira juventude. Olhar vivo, penetrante, cuidadoso a falar, estava na nossa frente, acompanhado por



JOAQUIM, GASTÃO e CARVALHO a linha medular do Porto

Alfredo e Barrigana, seus companheiros de estágio e de Clube. Entrevistamo-lo antes do jogo Portugal-França.

Respondeu imediatamente, e do seguinte modo:

— Com extraordinário entusiasmo, como deve calcular. Eu gostava, sem dúvida, do modesto União de Coimbra, em cujo 1.º grupo estava incluído, mas não podia esquecer o F. C. Porto. Quando me apresentei, pelo grupo de honra, no Campo da Constituição — senti a vertigem da popularidade e tomei verdadeiro gosto pelo futebol.

— Agora, chamado a suplente da equipa nacional...

Não vimos nos olhos de Angelo Carvalho qualquer chama de denunciada grande emoção. Um leve encolher de ombros, um sorriso para os seus dois camaradas e logo esta afirmação:

— Olhe: dizem-me que é muito difícil ser internacional. Eu estou quase de acordo com essa afirmação, pois em volta da equipa produzem-se tantas opiniões, que o peso das responsabilidades, para velhos como para novos, amolece um pouco o espírito do candidato ou do efectivo. Não tenho receio se um dia for chamado, mas às vezes penso cá de certa maneira...

— Gosto de jogar à defesa ou ao ataque?

— Gosto de jogar futebol, eis tudo. No meu clube jogo sobre o extremo, mas se for preciso trocar, estarei igualmente à vontade.

— Tenciona ficar pelo Porto, ou tem alguns projectos?

— Vou-lhe dizer uma coisa: o exemplo dado por Siska e a maneira como o F. C. Porto o auxiliou em todos os transeos difíceis da sua vida, até mesmo depois da morte, impressionaram o meu espírito. Os meus 22 anos, feitos em 3 de Agosto findo, pensam desta maneira: — servir dedicadamente o clube. Ele não se esquecerá disso se um dia for preciso...

* * *

O jogo Portugal-França passará e sobre ele se pronunciou já meio mundo. Após o banquete tradicional o dr. Vergílio Paulo disse-nos a propósito:

— Já viu jogar o médio do Porto, Angelo Carvalho? É bom, sabe? Tenho muita esperança neste moço. Mas já viu?

— Algumas vezes. E é pena que muitos o não tenham apreciado. Ver de longe a longe, em Lisboa, um ou outro jogador da Província, é muito pouco. Não dá para um comentário certo e seguro.

Lembramo-nos então de que a entrevista não estava completa. O resto ficara para depois deste desafio «internacional».

Carvalho também o sabia e procurou-nos mesmo no hotel, acompanhado por Araujo.

— Teria feito bom lugar, se jogasse?

— Nunca se sabe. Quer um exemplo?

Araujo talvez não tenha jogado bem, como outros da equipa. Se o tivessem substituído, — como actuaria o substituto?

O argumento era de força. Na verdade, entre o objectivo e o subjectivo há as suas diferenças, e Angelo Carvalho não via mal o problema.

— Nem por sombras quero pensar nisso. Se um dia chegar a minha vez, — que seja feliz. Até os grandes jogadores precisam de sorte...

— Diga agora uma coisa: — o seu clube tem bom grupo?

— Para campeão do Norte, temos grupo. Para o resto, aguardaremos. Andam muitos com o nariz no ar, depois da nossa vitória contra o campeão da Liga de Espanha, em Valencia, mas conhecem tão mal a equipa que se esquecem de alguns dos seus bons jogadores. Alfredo é desse número...



Carvalho, tranquilamente, nos Restauradores, goza o ar fresco da manhã...

Rodrigues Teles

A FORMAÇÃO DA EQUIPA DE ESPANHA CONTRA PORTUGAL

23 jogadores prováveis e muitos possíveis

Por RAMON MELCON

O seleccionador espanhol de futebol, Guillermo Eizaguirre, continua o seu trabalho de preparação da equipa. Reuniu primeiro em Barcelona os dois conjuntos, um de jogadores catalães e outro com os de outras regiões espanholas. O triunfo coube aos primeiros, mais compenetrados e também com melhores elementos, já que na outra equipa faltaram algumas grandes figuras, tais como Silva, que se havia magoado num treino, Muñoz que, tendo jogado, alinhou a médio ala, e magoado também; Molowny, magoado, que agora voltou a jogar, mas que não foi convocado...

No dia 12 deste mês disputou-se o segundo encontro, em Madrid, desta vez. Foram convocados 23 homens, alguns deles indiscutíveis, e não haverá ninguém em Espanha que duvide da sua magnífica classe. Outros, pelo contrário, prestam-se a discussão e também a censuras. Mas nesta segunda sessão já não se cuidava de ver valores, mas de aplicação de táticas no seu primeiro grande passo.

A seguir a isto, Guillermo Eizaguirre deslocou-se a Lisboa para assistir ao Portugal-França — ver, analisar, tirar conclusões — convocando depois um terceiro treino (estes realizar-se-ão periódica e regularmente!) precisamente para hoje, 4 de Dezembro.

Não queremos orientar nem criticar o seleccionador. Bastante trabalho tem para que cada um lhe dê a sua equipa ideal. Por isso nos limitaremos a expôr o nosso critério sobre cada um dos convocados, com um ligeiro comentário, claro está, sobre alguns dos excluídos, sem que sirva de censura nem de discussão, pois ninguém melhor do que o seleccionador sabe a forma em que se encontra cada homem num determinado momento.

Para guarda-redes escolheram-se Ignacio Eizaguirre (que nada tem que ver com o seleccionador, como julgam alguns adeptos espanhóis!) e Bañon. O primeiro é de sobra conhecido em Portugal. O seu momento actual é soberbo, e ninguém dúvida de que é o mais apto para defender a porta da Selecção. Bañon, sem estar na sua melhor forma (consorciou-se há pouco tempo) é um grande guarda-redes.

Há, ainda, outros guarda-redes excelentes entre os quais sobressaiem: Velasco, do Barcelona, em grande forma; Trias, do Espanhol; Busto, do Sevilla; e Simon, do Celta. Mas já não interessam, portanto.

Quatro defesas foram chamadas: a parêlha completa do Barcelona, Elias e Curta, e outra formada por Clemente e Aparicio. Magnífica a forma dos dois primeiros, que jogam juntos. Clemente, por outro lado, está soberbo de faculdades.

Alvaro, Juan Ramon, do Valência; Oveja, do A. de Bilbao; Mariscal, do Espanhol; e Joaquim, do Sevilla, poderiam ser bons substitutos. Tão pouco na constituição da extrema defesa terá Guillermo dificuldades.

E chegamos à linha média. Para as alas, chamaram-se Gonzalvo III, conhecido dos portugueses, e Ontoria. Este é um rapaz da Real Sociedade de San Sebastian, que possui uma fibra extraordinária e excelentes qualidades. Junto com Patri, o médio-centro da mesma equipa, é dos elementos que melhor se amoldaram à tática imposta na Real pelo seu treinador, um dos mais decididos defensores do moderno sistema de jogo. Isto no lado direito. Na esquerda, Nando, que continua em boa forma, e Celma, do Espanhol, fino e elegante jogador de grande futuro.

No centro, Muñoz, do Celta, e Sans, do Barcelona. Mas os dois resentem-se de antigas lesões e parece que Patri, o de S. Sebastian, pode ser um candidato de possibilidades grandes.

Baixando de forma Ipiña, por efeito dos anos, restam em Espanha alguns bons médios-centros: Berreñechas, do A. de Bilbao; Diestro, do Oviedo; Antunez, do Sevilla; e Ortiz, do Madrid.

Nas alas, Bertol, o bilbaíno; Asensi, do Valência; Cuenca, do A. de Madrid; Alconero e Eguluz, do Sevilla; Pont, do Madrid (que joga também ao centro) e Huete, do mesmo clube; Gonzalvo II, do Barcelona; Bernejo e Alonso, do Celta. Poucos centros, mas muitos médios-asas de qualidade.

O ataque é o mais difícil de formar. Citaram-se Epi e Gago, os dois do Valência, para pontas-direitas. O segundo é um rapaz, procedente do Mestalla, reserva do Valência, que mostra grandes qualidades e que ocupa o posto na equipa do seu clube, já que Epi mudou-se para a esquerda por conveniência clubista. Epi, para mais, voltou esta época com um ânimo extraordinário, e o mesmo é que dizer que não há ninguém que possa disputar-lhe a honra de alinhar na Selecção, pois não existe quem se lhe possa igualar em jogo.

Três interiores-direitos chamou Eizaguirre: Arza, Panizo e Vidal. De alegre e brilhante o primeiro; seco e perigoso o de Panizo, e também sábio e eficaz o de Vidal, qualquer deles poderia desempenhar o lugar. Porém, entre todos, ficariamos com Panizo, posto que recordemos as suas desastrosas acções frente a Irlanda e Portugal. E' o mais jogador de todos. O mais fraco é Vidal. Arza, excessivamente individual, é, no entanto um extraordinário dominador da bola e sabe atirar bem às balizas.



Guillermo Eizaguirre (seleccionador) e Moncho Encinas (treinador)



Ignacio Eizaguirre (do Valência) e Bañon (do Real Madrid)



Elias e Curta (ambos do Barcelona)



Clemente e Aparicio (do A. de Madrid)



Gonzalvo III (do Barcelona) e Ontoria (do Real Sociedade)



Muñoz (do Celta) e Sans (do Barcelona)



Celma (do Espanhol) e Nando (do A. de Bilbao)



Epi e Gago (ambos do Valência)



Panizo (do A. de Bilbao) e Arza (do Sevilla)



Vidal (do A. de Madrid) e Cesar (do Barcelona)

(Continua na página 18)

Superioridade do VASCO DA GAMA

Rogério não conseguiu ainda agradar!

(Especial para «Stadium», do nosso redactor no Rio de Janeiro CANDEIAS ALVAREZ

O que há com algumas modalidades — Existe profissionalismo?

No Brasil todas as modalidades tem o seu público affecto, que ocorre sempre á chamada dos clubes organizadores dos mais variados campeonatos, permitindo assim a sua realização sem prejuizos monetários, pois que as receitas finais são sempre compensadoras.

O futebol em primeiro lugar, seguido do basquetebol, atletismo, natação, boxe, etc., etc., são tudo modalidades em que os seus praticantes ou são profissionais declarados, ou se rotulam com o título de «amadores-marrons».

Positivamente não há no Brasil — afora um ou outro caso esporádico — qualquer atleta que não seja remunerado pelo seu clube, ou na forma de vencimentos mensais, ou na de gratificação, ou ainda na forma de prémio pelo passe de transferência, o que não é para admirar, visto que é com o seu esforço que os tesoureiros dos clubes arrecadam anualmente umas centenas de contos. É portanto justo que os mesmos sejam credores dessa retribuição monetária...

Pensam grupos brasileiros ir a Portugal? E o contrário?

Depois da visita do Vasco da Gama, visita essa que foi uma decepção para os desportistas brasileiros que esperavam ver o Vasco vencer de «goleada» todos os clubes portugueses que lhe apparecessem pela frente, os clubes brasileiros voltam os olhares para a Sul-América, estando até ao presente momento já assente a ida do Vasco á América do Norte, e estando em negociações a visita do Fluminense á Argentina e Chile, falando-se também numa possível ida a Espanha e Itália do Botafogo de Futebol e Regatas.

As dificuldades quando das «demarches» feitas para a vinda do Benfica, trouxe um desanimo grande aos clubes brasileiros que pretendiam a visita de grupos portugueses, o que é para lamentar, levando-nos a crer que tão cedo não será possível a vinda de qualquer dos nossos clubes. Mas sabemos que há negociações nesse sentido...

O Fluminense na América Central

Findo o campeonato carioca, partirá para o México onde disputará 8 jogos, a partir de 4 de Janeiro, o Fluminense, que se-

guirá depois para Guatemala e Costa Rica, disputando dois jogos em cada um destes países, partindo em seguida para Montevideo, onde se estreará a 8 de Março, e terminando a sua excursão a 14, defrontando o River Plate em Buenos Aires.

O que pensa a nossa colónia sobre o desporto português

Na Colónia portuguesa do Brasil, e que atinge a cifra de meio milhão de pessoas, só 10 ou 15 % por cento podem ter uma opinião correcta sobre o valor do desporto português. E mesmo estes, porque são portugueses que vivem aqui relativamente há pouco tempo, e que por isso acompanharam o desenvolvimento verificado nestes últimos anos, pois que os restantes já pela falta de noticiário — absolutamente incompreensível nos jornais brasileiros — já pela falta de jornais e revistas portuguesas e ainda pela longa distância que nos separa, não

podem estar devidamente iludidos sobre isso, confiam sempre nos briosos rapazes das cinco quinas quando na defesa das suas cores. Provam-no sofrendo angustiosamente — como foi verificado quando da visita do Vasco a Portugal — com as suas vitórias e as suas derrotas. Ainda hoje se pergunta no Brasil quais os motivos das nossas derrotas frente ao S. Lorenzo e frente á Seleção Inglesa, derrotas essas, muito especialmente a última, que nos criaram bastantes amargos de boca, pelas afirmações desasombradas que havíamos feito: «de que em Portugal também se jogava futebol com botas e não com «tamancos»...

Toda a Colónia acompanhou com ansiedade o noticiário officioso quando das diligências feitas para a vinda do Benfica e posso afirmar que se essa excursão se tornasse realdade, a torcida brasileira deixaria de existir no campo de S. Januário, para dar lugar a 60.000 portugueses, gritando bem alto o nome de

Portugal. Disputavam-se já bilhetes ainda não havia a certeza da vinda do clube português. Havia quem os quisesse pagar fosse a que preço fosse. Gente que nunca viu futebol, queria bilhetes só para poderem incitar uma dúzia de rapazes portugueses que lhes recordava a Pátria distante.

Foi tal os entusiasmos que durante mais de um mês a nossa colónia não falou noutra coisa!

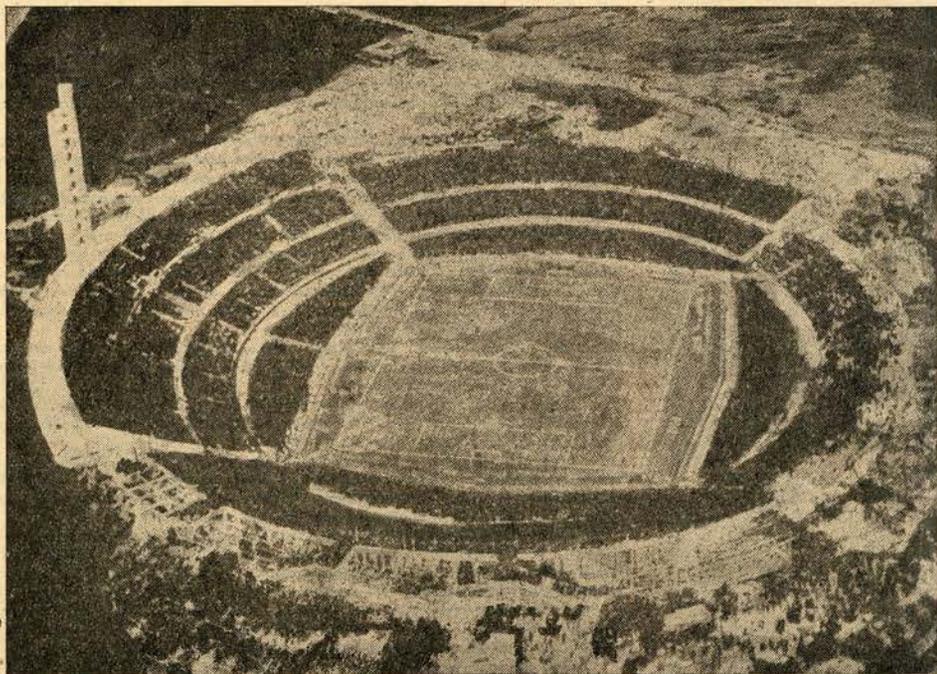
A superioridade do Vasco prejudica o campeonato

O Vasco da Gama segue no torneio com grande superioridade sobre os restantes, e este facto prejudica grandemente o aspecto financeiro da prova. Vejamos a classificação, nesta altura:

	J.	V.	E.	D.	Gol.	Pont.
Vasco da Gama	13	14	1	0	58-15	29
Botafogo	15	11	2	2	45-14	21
Fluminense	15	10	2	3	51-32	23
Flamengo	14	9	3	2	43-25	21
América	14	8	1	5	34-28	17
Madureira	14	5	6	3	35-30	12
Olaría	15	8	2	5	30-33	12
Canto do Rio	14	4	1	9	25-37	9
Bangu	15	2	2	11	20-57	6
S. Cristovão	14	1	2	11	19-45	4
Bon-ucesso	15	1	2	12	22-50	4

Rogério continua em crise...

O nosso «internacional» Rogério continua em crise. Foi agora a Niteroi jogar a extremo-direito, por se encontrarem doentes os titulares do Botafogo, mas não agradou. Que diabo! — Rogério não merecia uma actuação tão pouco interessante! Podemos garantir que está aborrecido e por isso regressará brevemente ao nosso país.



O futebol sul-americano está no apogeu, merecendo a honra de se disputar no Brasil o próximo Campeonato do Mundo. A troca de visitas entre clubes brasileiros, argentinos e uruguaios, principalmente, tem contribuído para esse desenvolvimento. Os clubes dispõem de grandes massas de associados; os campos, de enormes dimensões, esgotam-se por completo, atingindo-se receitas fabulosas. Está tudo em relação... Publicamos a fotografia do magnífico Estádio de Montevideo, circular, de 4 sectores, uma verdadeira maravilha arquitetónica

EM BRAGA



Uma defesa, difícil, de Salvador, do Sporting de Braga



Em cima — Os bracetenses insistem no ataque, mas a Académica defende-se. Em baixo — Diamantino remata de cabeça



Mário luta com um defesa de Coimbra, talvez Diogo



procederem, quando se encontram, na linha cruzar o jogo...

O JOGO do OLHAO



A defesa está feita, o ballamento para o guarda-redes não aparece nenhuma alteração...

BASQUETE-TOLO

Uma fase do encontro Ate-neu-Campo de Ourique, ganho por este por 19-17, para o Campeonato de Lisboa.



TIRO

Está em disputa na carreira de tiro «Dr. António Martins», e prova «Alberto Bravo», a que concorrem alguns dos melhores atiradores portugueses. O concorrente Mário Vinhas, do Ate-neu, presta a sua prova.



Abraão mergulha aos pés de um avançado do Vitória e arrebatava-lhe a bola



PONTEIPAS

Campeonato de Juniores da A. F. L.

Começou no passado domingo o Campeonato Distrital de Juniores, organizado pela A. F. L.

A nossa Revista vai dedicar atenção especial a esta prova, não só por ser nosso desejo acompanhar de perto todas as jornadas, como ainda apresentar os jovens jogadores, aqueles que se forem revelando nas diversas equipas.

O mau tempo impediu que se efectuassem todos os jogos marcados e assim, não podemos fazer uma análise completa da jornada.

No entanto, devemos dizer que algumas equipas se apresentaram bem preparadas, especialmente a equipa do Benfica-A, que derrotou, por 7 bolas a uma, o aguerrido onze do Arroios.

Na Amadora, e sobre terreno bastante enlameado, efectuaram-se dois jogos:

Estrela Amadora-Benfica-B, e Casa Pia-Tarujense.

O primeiro encontro terminou com a vitória do Benfica por 1-0 e o segundo com a do Casa Pia por 4-0.

No desafio Estrela Amadora-Benfica-B, houve como nota saliente, a grande exibição de Carlos Alberto, guarda-redes do Benfica, e no Casa Pia-Tarujense a nota triste dum equipa completa a jogar contra outra somente com oito jogadores (Tarujense).

Isto é exigir demasiado esforço aos jovens praticantes, alguns dos quais decerto não terão o regime alimentar suficiente para se lhes pedir tanto...

Os outros jogos disputados forneceram estes resultados:

Cascais, 2-Parade, 1; Operário Vilafranquense, 2-Águilas, 0; Miranense, 0-Operário, 0.

Não jogaram as equipas do Sporting, Belenenses, Estoril, Oriental, F. Benfica, e tantas outras. Assim ainda é prematuro fazerem-se considerações de ordem geral, pois que estamos na primeira jornada e até ao fim há muito caminho a percorrer...

M. V.

2.ª Divisão

(Continuação da pág. 3)

guiu bons resultados, não foi além de um empate contra o Futebol Benfica, da 2.ª Divisão de Lisboa.

Verifica-se, por isso, que a direcção da zona C pertence a dois clubes da A. F. Setubal, logo seguido pelo Oriental, agora com 3 pontos. Falar da vitória deste (3-12 ao Operário) será desnecessário.

Só o Luso do Barreiro continua sem pontos. Logo à segunda jornada parece o mais fraco da serie. Mas pode ser que não seja...

Portalegrense e Portimonense são os melhores da zona D

Excluído o jogo Boa Esperança — Lusitano, que não se realizou no domingo, confirmaram as equipas do Portimonense e do Portalegrense as suas possibilidades. Os algarvios ganharam ao Campomaiorense por 6-0 e os alentejanos cá de cima surpreenderam os alentejanos lá de baixo, o Desportivo de Beja, embora apenas por 2-1. Feitas as contas, Portalegre e Portimão dirigem a zona, ambos

Ecoss...

Tem sabor anedótico o que vamos relatar, mas quem no-lo contou garante a autenticidade, motivo porque não resistimos à sua «transcrição», até para que os leitores dela tirem as conclusões que melhores lhe parecerem...

«Em dia de grande espectáculo num burgo provinciano, todas as conversas giravam à volta do prelo que nessa tarde se jogaria entre o clube local — que alguns afirmavam dispor de elementos melhores do que os que haviam sido convocados — e a equipa dum localidade vizinha. A efervescência justificava-se, porque em encontros anteriores nenhum dos clubes conseguira fazer acreditar ser superior ao outro...»

«No mais aceso da discussão que alguns «furiosos» travavam, à volta da constituição da equipa, aproximava-se do grupo um dos membros do Conselho Técnico da colectividade local, uma figura exótica que não raras vezes suscitava comentários anedóticos dos conterrâneos à volta da sua figura. Um dos «torcedores», querendo aclarar ideias e, possivelmente, satisfazer curiosidades, não se conteve que não interpellasse o recém-vindo. E fê-lo nos seguintes termos:

«Ainda bem que chegas, Venâncio. Só tu poderás terminar com as nossas divergências...»

— De que se trata? — inquire o «técnico».

«Afirma-se por aí que o nosso adversário desta tarde dispõe dum desmarcação diabólica, incapaz de ser neutralizada pelos nossos. Se assim for, qual a tática que mandarás executar aos teus discípulos?»

O nosso homem sorriu, com um sorriso superior, de honhomia, e respondeu com ar triunfante:

— É simples! Se vir as coisas mal paradas, mando pôr sete homens à defesa, e fica o assunto resolvido!!!
— ?! ?

.....
E aqui termina o episódio.

«Oliveira Ramos, conhecido «tenista de mesa» que ao Benfica tem proporcionado vitórias brilhantes, está treinando activamente para em breve voltar às competições, depois da doença que o manteve afastado da actividade. Entretanto, o S. C. Penha homenagea-lo-á no próximo dia 14,

com 4 pontos, ficando para traz os bejenses e todos os seus companheiros. União de Montemor e Atlético de Moura obtiveram os dois primeiros pontos, um cada, mas não devem ter pulso para lutar em igualdade contra os grupos da vanguarda. Lá mais para adiante se verá!

ANDEBOL

Dois torneios por acabar

A temporada de andebol iniciou-se em Lisboa, como é de tradição, por um torneio destinado ao alinhamento das equipas e preparação dos jogadores antes de investirem nas lides do campeonato regional.

Em homenagem ao Ilustre Presidente da Câmara, o troféu este ano destinado à prova foi baptizado «Taça Ten-Cor. Salvação Berreto» e a ele concorreram oito clubes, que parece serem os únicos a praticar na época a modalidade. O desportivo «Caf», campeão de 1946, abandonou as competições clabistas e deu liberdade aos seus jogadores; o mesmo sucederá, segundo consta, com o Atlético e o Internacional.

Como não há indicações de novos cultivadores, ficam as fileiras do andebol lisboeta bastante reduzidas e na 2.ª Divisão teremos apenas duas equipas inscritas, o que é demasiado escasso para assegurar o interesse do campeonato e actividade compensadora dos clubes em questão.

Embora seja cedo demais para formular juízo sobre o valor dos agrupados clabistas, pode no entanto registar-se o significativo êxito do rejuvenescido grupo do Oriental, que atingiu a final derrotando duas vezes «Os Treze» e uma vez o Benfica.

O seu adversário será o Sporting, e as vítimas foram o Glória e o Belenenses.

Assistimos, por tanto, ao segundo encontro entre os «leões» e os «azuis», e a impressão colhida da classe de jogo foi favorável. Imprimindo sempre a maior rapidez às jogadas, os dois grupos bateram-se excelentemente durante o primeiro tempo; depois do intervalo, com a saída de um jogador belenense magoado, o Sporting — já em situação de vantagem — entrou a aceitar a pressão e o encontro perde a beleza porque alguns elementos contrários não souberam enfrentar com solícite calma desportiva a derrota iminente. Dois belenenses expulso por agressão foi a consequência que trouxe bem remate a uma pugna muito bem começada.

A final do torneio devia ter sido jogada no domingo, mas a chuva não o consentiu.

Aproveitando o feriado de segunda-feira, a Associação festejou o seu aniversário organizando no torneio relâmpago que foi assistido por numeroso público. Infelizmente a competição não correspondeu ao interesse dos espectadores; jogou-se sempre mal e por vezes muito mal.

Em terreno enlameado, os jogadores teimaram em bater a bola; só o Belenenses adoptou a tonda de bola de mão a mão, mas não soube tirar vantagem da sua melhor tática.

O torneio começou com uma surpresa: o Glória bateu o Sporting, que animado de excessiva confiança alinhou desfalcado, guardando os titulares para a meia-final... a que não chegou.

Depois, e em circunstâncias idênticas, o Almada eliminou o Oriental.

Nas meias-finais, o Belenenses bateu facilmente o Glória e «Os Treze» só por flagrante erro de arbitragem foi considerado vencedor do Almada; com efeito, o ponto da vitória foi marcado depois do árbitro haver apitado para assinalar falta.

O Almada reclamou; a final Belenenses-«Os Treze» ainda chegou a começar, mas a chuva recruscedea de intensidade e o jogo foi interrompido, devendo repetir-se em melhor ocasião e conforme a solução dada ao protesto do Almada.

Para complemento do programa comemorativo do seu aniversário a A. F. L. promove na semana próxima uma sessão solene para distribuição dos troféus da época passada, à qual devem assistir as entidades oficiais do desporto.

José de Eça

No próximo número:

— «Há que jogar muito para vencer Portugal», diz Quincoces.

FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Famalca produz magníficos resultados.

A farinha Famalca é amilácea, maltosada e com sais orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Famalca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Diatéctica da Fábrica de Chocolates Favorita

Stadium

"Segredos" do Portugal-França

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Os jogadores conquistaram, emfim, uma das suas antigas aspirações. Referimo-nos ao chamado «Prémio de Presença». Na actividade do Seleccionador único, este, apesar de não concordar com o «Prémio de Presença» defendeu junto da Comissão Administrativa da Federação, por várias vezes, vivamente, a referida concessão, a pedido dos «internacionais». Ou porque a defesa do sistema fosse feita sem convicção, ou por outro qualquer motivo, jamais a Federação deu o devido deferimento havendo apenas o prémio na hipótese de vitória ou empate.

Pois aquilo que nunca conseguiu o Seleccionador único, por quem a Federação não devia ter provavelmente a mesma consideração dispensada ao já famoso trio, conseguiram agora os três seleccionadores. Que a honra vá inteirinha para eles!

Na verdade, no Portugal-França vigorava a seguinte tabela de prémios: vitória — 3 contos; empate — 2 contos; prémio de presença — mil escudos.

Os jogadores conquistaram mais uma regalia, e a Comissão Administrativa mudou de opinião de uma época para outra. Mas tudo está certo. Principalmente por se tratar de interesse superior do futebol português.

As lições no tabuleiro

Já de há muito tempo é de uso dos treinadores, meros executores de instruções recebidas, ou mesmo os seleccionadores se tiverem capacidade para tanto, explicarem o futebol em volta de um oleado representando um campo devidamente marcado ao qual não faltam nem balizas, nem árbitro, nem jogadores (tudo figurado, evidentemente) tornando desta maneira mais fácil a apreensão por parte dos jogadores.

Necessariamente, o plano da Selecção Nacional deve ser o que estiver generalizado nas equipas de onde saíem os internacionais. E' que, ao contrário do que alguns julgam, não é fácil adoptar um plano diferente — mesmo que caso de isso! — e implantá-lo na Selecção no regime de treinos geralmente seguidos. O Grupo Nacional há-de reflectir sempre a orientação dos clubes. Mesmo tratando-se de um sistema muito generalizado, é sempre necessário

relocá-lo em vários pontos e a prática vem demonstrar quase sempre, e mesmo assim, haver ainda imperfeições e falhas.

Os jogadores internacionais, e todos os outros, têm ouvido infinitas vezes as mesmas recomendações e a explanação da mesma *táctica*, a cargo dos seus treinadores. Não importa! Justifica-se perfeitamente que, na Selecção Nacional, o respectivo treinador exponha o método dirigindo-se directamente aos seleccionados com o objectivo de desfazer dúvidas e aperfeiçoar o conjunto. O método é conhecido, e o mesmo para toda a gente, não variando nas suas linhas gerais mas podendo variar, conforme a maneira de ver as coisas, ou a forma de ligar várias jogadas.

Por isso, desde há muito, os treinadores da Selecção Nacional dão explicações de retouque e aperfeiçoamento, escutadas com mais atenção por uns do que por outros. Desta vez, dois elementos, Peyroteo e Barrosa foram dos mais interessados, opondo objecções e requerendo esclarecimentos, ao ponto de, isoladamente, conversarem com o treinador sobre o caso, isto é, sobre as suas funções em campo.

Quere dizer, qualquer deles foi para o terreno sabendo em todos os pormenores o que havia de fazer. Barrosa, mesmo, disse-o publicamente.

— Eu devia fazer isto. Cumpro de alto a baixo a missão.

Pois aqui é que está o mal, replicaremos. 1.º Porque Barrosa, tendo feito o que lhe haviam dito, fez o que não devia fazer em determinados golpes; 2.º Porque, mal vai, quando o jogador não se adapta às condições do jogo rectificando a própria teoria.

Um internacional é, em princípio, um elemento acima da média. Distingue-o dos outros não só a execução, como a visão rápida da forma mais perfeita de como deveriam solucionar os problemas. O contrário será a vulgaridade.

Também Peyroteo estudou com Scopelli uma variante de *táctica*, mas provou-se mais uma vez que não basta a teoria mas é preciso praticar, repetidamente, as jogadas para elas resultarem. Mesmo porque estes problemas não dependem de uma só pessoa, mas de várias se não de todas as pessoas que se encontram em campo.

A culpa é dos outros dois...

Ricardo Ornelas dizia-nos, outro dia, sabedor do que se passava (como toda a gente) no Comité de Selecção.

— Bem vê! O processo de um atribuir as decisões aos outros dois já não se usa. Está gasto e desacreditado.

O nosso categorizado camarada estava a observar bem o panorama. Sabemos que um dos Seleccionadores ao falar com um dos seleccionados, em particular, (o exemplo não é só um), lhe deu

muitos conselhos e muitíssimas explicações sobre o facto dele não alinhar. Concluindo, mais ou menos, por atribuir a culpa aos outros dois...

Estas conversações tanto se podiam ter realizado num consultório como na sede da Federação. De resto, o sr. dr. Virgílio Paula não teve papas na língua! Seguindo o que manifestou a Rodrigues Teles e certamente a outras pessoas, a Selecção que alinhou não era a que ele pretendia, mas sim uma outra, deformada, portanto, pela opinião dos restantes seleccionadores. A culpa é sempre dos outros...

Decisões por unanimidade

Um dos seleccionadores, Martinho de Oliveira, se não estamos em erro, afirmou terem sido todas as decisões tomadas por unanimidade.

Seria uma coincidência extremamente feliz que assim tivesse acontecido. Simplesmente, ha uma pequena rectificação a fazer:

— Todas as decisões, é certo, foram tomadas à boa paz, mas verificaram-se divergências de tomo na constituição da equipa...

Julgamos saber, por exemplo, o seguinte:

Sobre Alfredo — Virgílio Paula manifestou a opinião de que devia ser ele o titular; sendo a favor de Barrosa os restantes, Martinho de Oliveira e João de Brito.

Sobre Araújo — A sua inclusão foi decidida por João de Brito e Martinho de Oliveira, mantendo opinião diferente Virgílio Paula.

Sobre o capitão da equipa — Peyroteo foi designado para o cargo por determinação de Virgílio Paula e Martinho de Oliveira, ante a opinião em contrário de João de Brito.

Em vez da tal unanimidade verificaram-se, pelos vistos e como é natural, as maiores divergências entre os pontos agudos da equipa, não sendo tomados em consideração outros pontos ainda mais agudos. Foi nestes últimos que se registou a unanimidade de vistas e opiniões.

A «questão» do capitão!

Não queremos insistir na surpresa provocada pela nomeação de Peyroteo para o cargo de capitão, no consequente agravo feito a dois jogadores e na influência de tão infeliz e impolítica decisão na moral da equipa.

Bem sabemos que a culpa não cabe exclusivamente ao Comité de Selecção. A Federação deveria ter reagido a uma decisão desta natureza tão contrária ao rendimento do Onze, até pelo que se dizia em todos os sectores desportivos sobre o assunto. A nomeação do capitão havia deixado de ser uma atribuição de ordem técnica para se transformar numa questão de política de futebol, para não lhe darmos outro nome.

Chegou, no entanto, a correr a

notícia de que Peyroteo, pedindo escusa do cargo, que, por tradição e todas as demais razões, pertencia aos seus camaradas, Amaro ou Azevedo, iria por caminho indirecto reparar o mal causado pelo Comité de Selecção.

Amaro já declarou no número passado da nossa Revista que Peyroteo afirmara a ele e a Azevedo a sua solidariedade e que não se sentia bem no cargo. Acrescentaremos que F. Peyroteo conversou particularmente com Martinho de Oliveira sobre a hipótese de apresentar a demissão do seu cargo, mas não foi mais adiante. Oficialmente, nada feito.

Azevedo pretendeu ser substituído?

Após a marcação do 3.º golo da França, viu-se Azevedo a fazer gestos para um dos seleccionadores, Martinho de Oliveira, ao mesmo tempo que chamava Barrigana para o seu lado.

Nós, que procurávamos ver tudo quanto se passava em campo interpretámos os gestos de Azevedo como desejando ser substituído. E realmente assim parecia ser... Martinho de Oliveira, porém, indicando a Azevedo que se deixasse ficar no seu posto, evitou essa substituição.

No final do jogo, e quando os jogadores seguiam para o vestiário, sabemos que o guardaredes nacional se dirigiu ainda excitado a Martinho de Oliveira, perguntando qual a razão porque este não lhe tinha ido falar, e recebendo de Martinho de Oliveira, em troca, palavras de calma e conselhos de tranquilidade. Eis um episódio que não deixa de ser curioso.

As desavenças do Comité provocam a demissão de João de Brito?

A primeira derrota que sofreu a França em território português gerou a necessidade de explicações. E destas à desavença entre os 3, já com um Comité de Selecção a esboroar-se, foi um passo. Consta-nos que, João de Brito, um dos seus componentes, está na disposição de abandonar o seu cargo. As razões dessa demissão, a verificar-se, são patentes e estão ao de cima de água. Mas o mal continuará a existir, prevendo-se novos desgostos sobre um desgosto. Prouvera que nos enganemos! Mas a arte de seleccionar e preparar o Grupo Nacional não se resume em palavras, em muitas palavras, no *savoir-faire* da política pessoal, e na base das amizades e conhecimentos. É preciso olho de linco no apartamento de valores, sentido de descobrir elementos, visão do conjunto, estudo detalhado de todos os problemas tendo em vista as realidades, qualidades pessoais de trato e adaptação. Numa palavra: — competência!

Ano VI — II Série — N.º 261
Lisboa, 3 de Dezembro de 1947

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração

RUA DA ROSA, 252-1.º
LISBOA

Director e Editor:

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:

TAVARES DA SILVA

Propriedade da

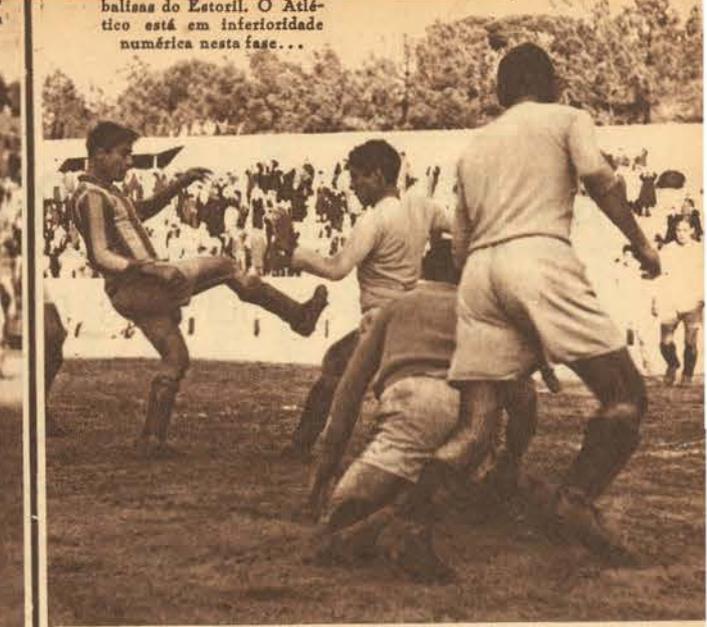
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

BELINENSES a caminho da boa forma



Deito de Inácio, Aguiar, Feliciano e Serafim seguem o lance. Corona e João atacam sem êxito!

balistas do Estoril. O Atlético está em inferioridade numérica nesta fase...



Vasco, que contribuiu poderosamente para o triunfo do seu grupo, protege o seu guarda-redes. E o adversário não passará...



Arsénio remata e Feliciano não consegue evitar o pontapé!



Vitor Baptista parece estar em condições de bom remate, mas não haverá perigo...

ESTORIL venceu ATLÉTICO A SORTE do JOGO influuiu no desfecho



Na área perigosa, tanto Machado como Gareia e Curado defenderam-se com inextinguível vigor. Esta fotografia não mente!



Um defesa de Guimarães bate Sidónio, e alivia o seu campo



...E Sidónio vai rematar, imparavelmente, o golo da vitória!



VITÓRIA de Guimarães AFIRMOU CAPACIDADE DE JOGO Um problema difícil para o SPORTING



Os extremos do Sporting, especialmente Jesus Correia, foram muito bem marcados. Desta vez — também Albano não conseguiu levar a melhor...

Em cima — Um jogador do Estoril salta por cima do adversário. Não se trata de atletismo, mas sim de futebol
Em baixo — Uma defesa do guarda-redes do Atlético. Os homens do Estoril ainda correm: até o fim há esperanças...

AS MULHERES DA GRÃ-BRETANHA

preparam-se para as competições olímpicas

Por JOHN DAVIS

Uma rapariga de 14 anos, uma estudante que praticou os saltos de barreiras no corredor duma escola, uma sul-africana e três mulheres dos serviços auxiliares da Aviação, figuram na lista das 54 «possíveis» a escolher para representar a Grã-Bretanha nas competições olímpicas de mulheres em 1948.

Uma rapariga de 14 anos, uma estudante que praticou saltos de barreiras num pequeno corredor da sua escola, uma bailarina, uma sul-africana e três mulheres praticamente desconhecidas dos Serviços Auxiliares da Aviação figuram entre aquelas que procuram atingir a perfeição física e técnica durante os meses de inverno.

Estão incluídas na lista das 54 candidatas possíveis para constituírem o «team» da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos do próximo ano, em Londres. O objectivo da Junta dos Amadores de Atletismo anunciando os nomes das candidatas é animá-las a consagrarem todo o tempo possível para atingirem a melhor forma nas próximas competições.

A mais nova de todas é Lorna, de 14 anos, filha de Muriel Cornell, antigo campeão britânico de saltos de barreiras e em comprimento. Lorna vai dedicar-se principalmente aos saltos em comprimento, tendo já conseguido atingir 16 pés e 5 polegadas e se ela conseguir finalmente obter um lugar no grupo representativo das mulheres britânicas será a mais nova a representar o seu país nos Jogos Olímpicos.

Uma barreira humana

Joana Desfarges, de 18 anos, duma escola primária de East End em Londres costumava praticar saltos de barreiras no corredor da sua escola, durante o intervalo do almoço; visto que o páteo estava coberto de escombros ainda do tempo dos bombardeamentos aéreos. Disponha apenas de um percurso de 30 jardas e fazia-o com tanta velocidade que a professora de ginástica e as colegas tinham de formar uma barreira humana para evitar que ela caísse pelas escadas abaixo.

Joana, cuja professora de ginástica julga que ela nasceu corredora, declarou: «Gostaria de representar a Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos mas não me interessa o atletismo como carreira».

Joana é a segunda mulher em corridas de barreiras na Grã-Bretanha. Acima dela figura apenas Maureen Gardner, de 18 anos, bailarina do grupo de dança de Oxford, que espera estabelecer um novo «record» olímpico e mundial para os 80 metros barreiras. Para

de avaliar o valor de Joana basta dizer-se que ela geralmente consegue quase atingir Maureen Gardner cujo tempo este ano foi de 11,5 segundos — o que representa apenas um quinto menos do que o «record» mundial.

Provavelmente Maureen é a melhor atleta da Grã-Bretanha. É natural que dispute os 80 metros barreiras e os 100 metros planos. Quando se realizarem os Jogos é natural que esteja em condições de bater o «record» mundial de ambas essas competições. Ajustou-se recentemente o seu casamento com Geoffrey Dyson, o principal treinador da Associação dos Amadores de Atletismo. Dyson tem confiança em conseguir depois de um treino intensivo que a sua noiva obtenha renome mundial.

Depois de alguns anos de exercícios de bailado, o treino não fadiga nem aborrece Maureen. Depois duma longa doença ela dedicou-se às corridas para se fortalecer. Maureen toma muito a sério o atletismo; não fuma, não bebe e deita-se muito cedo.

Nascida na África do Sul

Marjorie Lasbrey, que se dedica ao lançamento do dardo, nasceu na África do Sul, mas os seus pais vivem actualmente na Inglaterra e já está assente que pode ser esco-

lhida para representar a Grã-Bretanha nas Olimpíadas. As autoridades já assim decidiram, depois do erro do ano passado, quando escolheram Marjorie para os campeonatos da Europa, nos quais não podia participar por não ter nascido no continente europeu.

No ano passado quando ganhou o primeiro lugar no lançamento do dardo e do disco nos campeonatos femininos, foi-lhe conferido o Troféu Hawke pela melhor forma nos jogos atléticos femininos de 1946. É professora de educação física num colégio feminino de Londres, mas actualmente presta serviço no Colégio de Treino Físico de Dartford.

Duas das candidatas escolhidas encontram-se actualmente no estrangeiro. Sargent Ring, que se dedica aos saltos em altura, presta serviço na Alemanha e Bevis Reid, detentora do título de campeã feminina de tiro e segunda classificada no lançamento do disco, trabalha no «British Council», em Roma. Bevis Reid, uma estrela de antes da guerra, voltou ao atletismo na época passada.

Mais outras duas mulheres dos serviços auxiliares da aviação vão ser incluídas na lista das candidatas ao «team» britânico: — Marjory Bennion, outra lançadora de dardo, e Billers, que se dedica aos saltos em comprimento. Estas duas mu-

heres, com Ring, representaram os serviços combinados contra a Associação Feminina de Atletismo nas competições do Jubileu que se realizaram este ano, mas nada fizeram digno de nota.

Corredora há 10 anos

Além das desportistas já mencionadas conta-se ainda Wilfred Jordan, dactilógrafa de Birmingham, campeã britânica de corridas. Foi uma magnífica exibição nos campeonatos europeus do ano passado ficando em segundo lugar, depois da russa Eugénia Setsgenova. Há 10 anos que se treina — tem agora 27 anos — e inevitavelmente será a primeira classificada entre as mulheres inglesas nos 100 metros. Outra desportista digna de nota é Margaret Lucas, de Epsom (Surrey) que já bateu três vezes durante este ano o «record» britânico feminino do lançamento de disco. A sua melhor exibição foi de 119 pés e 5 polegadas, que não foi oficialmente ratificada e que fica ainda muito longe do record mundial de 158 pés, 5 polegadas e 7/8 de polegada.

Um nome que não figura na lista oficial, mas que pode eventualmente aparecer entre as candidatas aos jogos olímpicos, é o de Dick Tyler, que recentemente deu à luz o seu segundo filho. Como Dorothy Odam, disputou o primeiro lugar nos saltos em altura dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 mas foi colocada em segundo lugar, porque a esse tempo a regra do menor número de faltas não estava em vigor.

Dorothy, cujo «record» britânico de 5 pés, 6 polegadas e 3/8 de polegada foi estabelecido em 1939, e ainda não foi batido, encontra-se afastada do atletismo há um ano, mas espera voltar a treinar-se no princípio do próximo ano com o objectivo de ter um lugar no «team» feminino de tiro para as próximas Olimpíadas

Cantinho do Leitor

A-propósito da expressão — «clube modesto»

Assinado por Um seu admirador em Albergaria-A-Velha recebemos a seguinte Carta a que damos com todo o prazer publicidade:

«Na sua conceituada Revista «Stadium» e na local «Ecos...», li a notícia da provável ida de Capela para «o Albergaria», clube modesto do distrito de Aveiro.

Talvez V. não conheça o Alba S. C. de Albergaria-a-Velha; este Clube é parte a modesta, deve ser o clube mais «rico» da província e talvez o único que «ganha» o futuro dos seus «atletas» empregando-os nas importantes Fábricas Metalúrgicas «Alba». O Alba S. C. possui, no dizer dos peritos no assunto e de Severiano Correia: — o melhor Parque de Recreio e Desporto da província».

Este Parque possui um «campo» de futebol com as marcas «internacionais», um «court» de Ténis, um parque infantil, bal-

neários, restaurante, pavilhões de dança, emissor de música, etc. etc. Tudo isto no dizer do treinador «argentino» do F. C. do Porto, «é o ideal para a concentração da «família Clubista». O Alba foi já treinado por: F. Duarte, Genes Desco e Siska; actualmente é o «internacional» Carlos Alves o orientador técnico das suas equipas de futebol. Nas fileiras dos seus «teams», o Alba tem alguns «semi-profissionais» de Lisboa e Coimbra. A Fábrica tem à disposição do Alba, para deslocação da «tarma» futebolística, dois «jeeps» e uma «oargonete» para o transporte de equipamentos. Nas suas duas últimas deslocações obteve as seguintes vitórias: — em Lamego ganhou por 1-0 ao Sporting, tendo feito exibição brilhante: — Em Viseu derrotou o S. Lisboa e Viseu, representante do distrito no nacional da II Divisão, por 2-1. O Alba tem médico privativo, medicamentos e dá subsídios aos «atletas» doentes. E

multo mais «coisas» que neste momento não menciono por falta de tempo. E poderá verificar que, no Distrito de Aveiro, há um «clube» que disputa dama posição a bem do desporto que nemham dos «3 Grandes» tem. Pena é que os «disboetas» não reparem de perto nos «pequenos» Clubes, que afinal também são «Grandes». E que o «modesto» clube de Albergaria (no nosso dizer) sirva de exemplo aos «Consagrados Clubes».

Não compreendemos lá muito bem porque o termo modesto, nada depreciativo, feriu a sensibilidade do nosso leitor. Ao contrário do que ele supõe, nós conhecemos a bela obra não só desportiva como social do Grupo, ou, mais precisamente da modelar fábrica do sr. Martins Pereira, a bem daquela colectividade desportiva. No campo, porém, dos valores, ou melhor, na organização desportiva, o «Alba» ocupa um lugar modesto, apesar de todo o seu esplendido apetrechamento material, e a grande distância desportiva dos «3 Grandes» lisboetas que cita, tendo no entanto um lugar de relevo no distrito de Aveiro. Devemos esclarecer ainda que o referido «eco» não é da autoria da pessoa que supõe, o que não impediu de publicarmos o seu desabafo.

TINHAMOS RAZÃO!

Algumas pessoas, mesmo jornalistas, principalmente os que trabalham para a Imprensa do Porto, fizeram o possível por afastar Alfredo da selecção nacional. Também na própria Comissão de Selecção se votou contra o defesa-direito portuense. Dois contra um (mas este «um» não foi João de Brito!).

Ora, como todos viram, pertenciamos a razão quando afirmámos que Alfredo não podia sofrer confrontos com Barrosa. Por tudo. Mas venceram os técnicos, com prejuizo para o futebol português, fazendo-se ao mesmo tempo a vontade a quantos passaram o tempo a destruir, em entrelinhas, nas qualidades indiscutíveis do excelente jogador do F. C. do Porto.

Não damos os parabéns aos adversários de Alfredo.

QUANTO AO JOGADOR

ARAUJO...

Também as mesmas pessoas fizeram o possível por afastar Araújo. Vingaram-se nas suas críticas ao rapaz. Exigiam que Araújo fosse portento, indiscutivelmente o melhor de todos. Na linha avançada — 4 jogadores de um só clube não fizeram melhor. Dos dois «goals», Araújo marcou um. Mas enquanto se esqueceram outras actuações modestas, e nem sequer apontá-las, a do interior portuense foi causticadíssima!

Porquê?
Temos sincera pena de ver Araújo metido naquela equipa. Não se apreciariam por certo tantos sucessos, e talvez o melhor marcador dos últimos jogos «internacionais» visse subir as suas acções. Infelizmente, desta vez, o seleccionador portuense pensou ao contrário!

E VALERÁ A PENA

TANTA CELEUMA?

A gente desportiva do Porto mostra-se aborrecida com todos estes ditos e opiniões. Leu-se, em vários jornais, a indicação dos jogadores fulano e beltrano; comentou-se sem do nem piedade a inclusão de vários, sem se conhecerem as suas possibilidades...

Em nossa opinião, talvez não valha a pena estabelecer confusões. Nem exigir cada um os seus ídolos. Que importará ao Porto que os técnicos portugueses se esqueçam dos seus melhores jogadores? Perder-se-á por isso o prestígio do seu futebol? Não nos parece.

Se os encarregados de seleccionar votarem os portuenses ao esquecimento, embora pareça que não, ganharemos todos. Não nos aborrecem, não dizem mal dos rapazes, não nos tornam culpados pelo fracasso e outras coisas que tais. E acaba-se aquele humorismo «fino» que classifica o «team» nacional de Sport Lisboa... e Araújo.

OUTROS EXCESSOS...

A par destas faltas de consideração pelo valor de vários elementos, também se encontram aqui e além

na capital do NORTE

Esquecimento puro...

A PONTAMOS a maneira como a Imprensa do Porto, em tudo quanto se relacionava com os 4 seleccionados desta cidade, procura deslocar no seu valor. Alegou-se que os autores, embora trabalhando para os jornais desta cidade, tinham assento na Imprensa de Lisboa. Talvez possa tal facto servir de desculpa. Porém, a campanha de aborrecido descrédito foi tão bem organizada e entendida, que nem a má exibição de outros jogadores mais responsáveis fez calar a voz dos discordantes.

Não desejamos, evidentemente, deixar aqui a afirmação de que o único representante do Porto tenha jogado bem. Vimos o jogo e não descobrimos quem haja demonstrado categoria. Esta única verdade, no entanto, foi esquecida por completo, e aqueles que antes do desfilio se preocuparam insistentemente em «queimar» o internacional do Porto, antes e depois do desfilio Portugal-França, continuaram na campanha — como se apenas o autor de um «goal» nacional tivesse culpas no cartório...

O próprio «goal» de Araújo foi criticado por diversas maneiras: «a defesa era ídell, o pontapé foi apenas feliz, Da Rai foi provinciano» — e tudo o mais que veio à lembrança. Regressamos segunda-feira ao Porto e confessamos a nossa surpresa perante o que vimos e ouvimos. Chegamos a ter a impressão de que no grapo português só Araújo teria de jogar bem, e que tudo quanto de mau se via teve princípio nos seus pés!

Em face de tudo isto, fazemos côro com os desportistas portuenses, na sua opinião firme de não desejarem elementos da terra, metidos em sarilhos desta ordem. Faça-se por completo a vontade a quantos pretendem apenas o «Sport Lisboa», deixando o Araújo cá para a gente, visto que nem o rapaz nem os seus companheiros prestam para qualquer coisa...

CURIOSIDADES...

A notícia de que Araújo e Barrigana foram mal recebidos na sede de um clube lisboeta, causou impressão.

♦♦ O contrário disto, quando da visita de 4 jogadores do F. C. do Porto à sede do S. L. Benfica, foi devidamente apreciado...

♦♦ No Porto deseja-se que não seja escolhido nenhum jogador para alinhar contra a Espanha.

♦♦ Confirmaram-se duas afirmações nossas: — o regresso de Correia Dias e a situação de Eladio Vaschetto.

♦♦ A Associação de Voleibol do Porto obrigava o F. C. do Porto a jogar 3 dias seguidos, a fim de se classificar para o campeonato nacional. O team desistiu antes de chegar ao fim...

♦♦ Fala-se na ida de Fernando Moreira ao Brasil. Pode ser que seja...

opiniões dispensáveis. Há jogadores que cedem entrevistas arrojadíssimas; outros que se julgam a si próprios, quando isso não parece muito inteligente.

A legenda de que «fulano é o melhor médio-centro português», e beltrano «o guarda-redes mais bem preparado de momentos», por exemplo, fazem tir o mais sisudo, compli-

cando ao mesmo tempo a crítica honesta.

Todos estes excessos juntos contribuem com certeza para o mal estar actual. Uns a dizer que sim, outros a dizer que não, antes do jogo, por certo conduzem a critérios aborrecidos e pouco inteligentes. Recomendamos deste modo um pouco de cuidado a todos — a ver se impera o bom senso.

O jogo Porto-Boavista, realizado no Bessa, trouxe ao de cima, mais uma vez, a falta de instalações capazes. O Boavista, a despeito da sua boa vontade, não conseguiu apresentar aos olhos do público algumas reformas que projectou no seu velho terreno, e do facto nasceram complicações lamentáveis, que poderiam ter consequências desastrosas.

Supreendeu-nos neste último domingo o espírito de sacrifício do público. Ao Campo do Bessa afluiram mais de 20 mil pessoas, mas o jogo foi por vezes interrompido pelo árbitro, para reprimir invasões sucessivas e perigosas.

Ora, se o jogo tivesse dado para incidentes graves, como poderia o juiz de campo impor-se a até a própria autoridade?

Precisamos os clubes interessados, como as entidades desportivas que dirigem, de fiscalizar um pouco estas coisas, seguindo os interesses do público com melhor critério. Neste domingo não sucedeu assim, no campo do Bessa, mas esperamos que de futuro se acauletem os direitos de quem paga e merece toda a consideração.

Violências...

Esperava-se que a luta fosse viva e correcta. O Boavista tem já as suas aspirações, e o F. C. Porto não deseja perder um prestígio conquistado há muitas épocas...

Mas nem tudo se passou como desejávamos. Principalmente na segunda parte, exibiram alguns jogadores atitudes condenáveis, que de resto pouco nos surpreendem. São já conhecidos certos elementos, embora às vezes nos pretendam afirmar o contrário, mas é preciso que de uma vez para sempre sejam punidos.

Desgostam-nos profundamente o jogo violento. É necessário, custe o custar, ir em defesa do jogador sério, do homem que trabalha apenas com a bola, — separando o trigo do joio. Confundir o futebol duro com o futebol violento e antipático, como sucedeu nos últimos 45 minutos do desfilio realizado no Bessa, não é missão de uma crítica que deseje impôr-se e falar verdade.

Por mais de uma vez tem acontecido assim nestes desfilios entre o F. C. do Porto e o Boavista.

A maneira como jogou certo elemento, envergonha os amadores sãos!



GERMANO Magalhães

O mais antigo
CAMPEÃO
de
OQUEI
e
PATINAGEM
ABANDONA AS
PROVAS OFICIAIS

HAVERÁ alguém, nos meios desportivos, que não conheça Germano Magalhães — o mais velho oquistista lusitano em actividade? Germano Abílio Torre Frazão de Magalhães nasceu em Lourenço Marques a 29 de Outubro de 1900; e aos cinco anos, numa festa do Teatro Varieté, naquela mesma cidade de Moçambique, conquistava a sua primeira medalha (que religiosamente ainda conserva como preciosíssima relíquia) e simultaneamente, o seu primeiro título de campeão: campeão dos patinadores infantis da Colónia! Cêdo começava, pois, aquele que viria a ser um dos nossos maiores jogadores de oquei... Não em estatura — os homens não se medem a palmos! — mas em classe, entusiasmo, saber e experiência, através de longos anos de prática.

Magalhães — que aos cinco anos era já patinador e campeão — vai a caminho dos cinquenta... e somente agora se decidiu a deixar o desporto de competição! Tem 47 anos, ainda joga, e aos 42 ganhou os seus derradeiros títulos e recordes de corridas em patins. É um exemplo de longevidade desportiva e é também um símbolo. Bem merece a festa que, no pavilhão dos Desportos, na noite de 6 de Dezembro próximo, há-de consagrá-lo definitivamente.

Mas — caso curioso e anómalo! — é o único atleta «antigo» do Benfica ao qual ainda não foi concedida a maior distinção do clube... Será agora? Germano merece-a inteiramente — e os anos devotados a colectividade, com tanto carinho e isenção, justificam-na em absoluto.

A carreira desportiva deste pequeno-gigante (principalmente no oquei) é longa e cheia de glória e de triunfos. Não é fácil trabalho transplantá-lo para uma simples página de revista... Bastará dizer-se, em síntese, que ganhou os vinte primeiros campeonatos de oquei de Lisboa e que foi internacional da modalidade vinte-e-uma vezes! Fundador do Lisboa Ginásio e do Oquei Clube. Árbitro da F. P. Patinagem durante largos anos. Treinador de quase todos os clubes lisboenses — e do Rádio Clube Português na sua única temporada de actividade. Jogou quatro vezes contra a Bélgica, França, Inglaterra e Suíça, três contra a Alemanha e duas contra a Itália. Em Herve-Baiy (Inglaterra), Antuénia (Bélgica) e Estugarda (Alemanha). Fez parte da primeira Equipa Nacional — há 17 anos! com Fernando Adrião, actualmente em Lourenço Marques, António Adão, José Prazeres, Leonel Costa e José Carlos — e tomou parte no I Campeonato do Mundo, em 1936, na Alemanha. Marcou três golos: à Inglaterra (2-4) e à Suíça (3-1) em 1932; e à Bélgica (2-3) em 1938.

Quando, em Agosto de 1918, veio para a metropole, Magalhães, que no ultramar havia praticado patinagem, pugilismo e esgrima, ingressou no Benfica — ali se mantendo tres anos. Depois um «conflito» dos patinadores com Cosme Damião, ao tempo director do clube, fez com que alguns saíssem — e Germano foi um deles! Formou-se o Oquei C. P. Mas o saudosissimo avassac lou-o, e, em 1925, convidado por Ilídio Nogueira, regressou ao seu clube eleito... Não mais o abandonou — e deu-lhe todo o seu esforço na conquista de multiplos campeonatos. Tantos! É ocioso enumerá-los... Germano Magalhães (com a sua perna nente e longa actividade) foi seguramente dos atletas que mais títulos deu ao Benfica. Com outros campeões como ele: Leonel em especial.

Também no oquei em campo se evidenciou, tendo sido campeão de Lisboa durante cinco anos seguidos (de 1927 a 1931) e em 1937, sempre pelo Benfica. Igualmente campeão e recordista de corridas vezes sem conto! Era um sprinter famoso.



A equipa que conquistou cinco campeonatos seguidos de oquei em campo No 1.º plano da esquerda para a direita: Magalhães, Prazeres, José Carlos, Leonel e Feliciano. De 2.º plano: Montalvão, Hipólito, Teixeira, Dias de Sousa, Melo e Adrião

Contando 47 anos de idade (42 de praticante e 30 de jogador de oquei... sem interrupção!) Germano Magalhães deve ter sido o atleta português que mais tempo esteve em actividade permanente — sem um desfalecimento ou descrença nos seus recursos. Não é a idade nem a fadiga que o forçam a abandonar. Mas, simplesmente, como ele próprio assevera...

— ...É chegada a altura de dar lugar aos novos! Eu cumpri a minha missão, como soube e pude, restando-me agora a suprema consolação de que outros, por certo, continuem aquilo que está feito. Não me sinto cansado — ainda poderia jogar mais umas épocas! — mas é melhor assim. Isto tinha de ser um dia. E esse dia chegou agora...

— Saudades?!
— Sim. Muitas. MUITÍSSIMAS. Tenho pena. Imensa pena de não voltar a jogar oficialmente. Passarei à situação de espectador. Mas se conseguir realizar um «sonho» (a criação do clube dos Veteranos) dar-me-ei por satisfeito. Quem sabe?! Eu ainda não estou reformado...

— Mas quase...
— Qual o quê! Quando se praticou desporto com devoção não se pede reforma! O abandono das práticas efectivas não significa desistência... A meu ver, uma simples transição, enquanto as energias e a vontade se não dispersam por outras actividades. Luçar aos novos! Mas sempre alerta; e pronto — para o que for preciso.

«Recordações?! Tenho-as bastantes. Mas nem vale a pena falar nisso!



A equipa que primeiro representou Portugal no campeonato da Europa de oquei em patins disputado em Herve-Baiy em Abril de 1930. Da esquerda para a direita, no primeiro plano, Leonel Costa, José Carlos e Germano Magalhães; em 2.º, António Adão, Fernandes, Adrião e José Prazeres



Uma das muitas equipas do Benfica de que Magalhães (o primário à esquerda da joelhos), fez parte. Vem-se também, ao seu lado, José Pina e Ruiário Mísseis. No segundo plano: Ventura Ferreira, Fernando Leirão e Leonel Costa

Foram tantos os jogos — e os seus consequentes motivos de orgulho e desalento... Fiz o que pude. Estou satisfeito. Creio que cumpri. Agora vou descansar — que já se fazia tarde e ganhei jús a tal. A minha melhor consolação está em oferecer ao Benfica todas as medalhas que ganhei desde 1911. Assim ao menos, sinto que «vivo» no clube — e para o clube. A vida é tão curta...

* * *

Magalhães tem razão. A vida é curta Mas aquele seu gesto significa amizade ao Benfica. Ele não será esquecido! É um peito grandioso de homenagem ao «seu» clube — mas, na simplicidade com que no-lo disse, vai um misto de afecto e agradecimento para a colectividade cujo nome soube respeitar e elevar no conceito de desportivo. Germano merece bem os aplausos que, certamente, irá escutar na noite imorredoura e única da sua festa de despedida. Que seja feliz!

Jorge Monteiro

Comentários

Referências prestigiosas

O último número do Boletim da Federação Internacional de Ginástica Ling insere larga referência ao congresso realizado em Lisboa no mez de Julho passado.

No artigo assinado pelo secretário da F. I. G. L., major Krogh, o esforço organizador da comissão portuguesa, o acolhimento dispensado e as exhibições de ginastas nacionais são apreciadas em termos de apreço muito agradáveis para o nosso país.

«A impressão que nós, os congressistas estrangeiros — escreve o autor — trouxemos do congresso de Lisboa e do seu cenário foi, simplesmente, esmagadora. Tudo fôra organizado no firme propósito de permitir aos convidados o maior aproveitamento possível da sua visita e para que sentissem também que se encontravam entre amigos que se empenhavam ao máximo para lhes proporcionar satisfação e conforto. Todos aqueles que tiveram o privilégio de assistir ao congresso espalharão certamente em sua volta as impressões colhidas, de reconhecimento e admiração por Portugal, pela sua linda capital e pelos seus hospitaleiros habitantes».

Acerca do ensino da ginástica no país, lê-se: «Pode afirmar-se sem exagero que a maior actividade neste domínio se tem desenvolvido nos quinze últimos anos. O resultado desse trabalho enérgico e consciente evidenciou-se no decurso das exhibições do congresso, permitindo afirmar que a ginástica sueca, adaptada ao temperamento português, penetrou profundamente nas escolas, exercício e marinha. Trouxemos a impressão geral de um país onde se empregam grandes esforços para manter alto nível de cultura física».

E concluindo: «Julgamos de nosso dever mais caro, dirigir cordeal agradecimento pela generosa hospitalidade de que fomos alvo, ao Governo Português e aos seus representantes, graças a cujas largas subvenções concedidas foi possível reunir o congresso em moldes tão dignos».

Muitas outras transcrições poderíamos acrescentar, mas estas bastam para testemunhar da boa e prestigiante obra de propaganda nacional levada a efeito pela bem organizada reunião deste congresso de ginástica.

Futebol Internacional

A derrota sofrida pela nossa representação ante a equipa seleccionada francesa, foi severamente apreciada pela crítica e, por, ante alguns espiritos a dúvida sobre as possibilidades e conveniência de mantermos actividade internacional em futebol.

Porque é temeridade defrontar, com os nossos jogadores, agrupamentos de profissionais, dizem uns; porque não possuímos capacidade de recrutamento que nos permita medir forças com as grandes nações desportivas, alegam outros. Não refutamos formalmente as bases destas argumentações, mas contestamos que possam dar validade à conclusão de abstenção.

Fazer desporto — que é afinal o que importa — não implica incompatibilidade com a derrota, desde que esta não seja desprimorosa e tenha sido defendida com brio e acceite com dignidade.

Não hesitamos em afirmar que a delegação francesa regressou ao seu país com muito melhores impressões sobre Portugal, a sua vida pública e a sua situação social, a hospitalidade do seu povo e a camaradagem dos seus desportistas, do que conceito menosprezante sobre o valor dos seus futebolistas.

Nas suas conversações, os dirigentes franceses mostraram o maior interesse pela

Cada cronógrafo Breitling é acompanhado de um certificado de origem que serve de garantia pelo seu perfeito funcionamento

nossa organização desportiva e pelo papel que desempenha o Estado português; o rigorismo e perfeição do nosso sistema de assistência médica, as contribuições governamentais para as obras de construção e alargamento das instalações desportivas, o sistema de hierarquia disciplinar, etc., mereceram-lhes palavras de admiração. E isto, ninguém o negará, tem muito mais importância do que as quatro bolas com que nos presentearam em troca das duas que lhes oferecemos.

As melhores marcas portuguesas

Lançamento do peso. — 13^m.40, Emídio Ruivo (Cif), 9-7-39; 13^m.175, Luis Pinto Basto (Cif), 14-7-46; 13^m.07 José Garnel (Sp.), 3-7-32; 12^m.92, António Cardoso (Cif), 3-7-27; 12^m.40, Romeu Correia (Alm.), 9-7-39; 12^m.12, Alberto Ferreira (F. C. P.), 8-6-29; 12^m.035, Mário Santos (Cif), 21-7-40; 11^m.98, Herculano Mendes (Ac.), 3-8-30;

11^m.95, Cardeal da Fonseca (S. L. B.), 26-7-42; 11^m.90, Manuel da Silva (Sp.), 13-7-47.

Lançamento do disco. — 43^m.70, Herculano Mendes (Ac.), 22-11-36; 41^m.82, Manuel da Silva (Sp.), 26-8-45; 41^m, António Cardoso (Cif), 2-6-28; 40^m.20, José Luis Nunes Silva (Sp.), 20-7-47; 39^m.12, José Garnel (Sp.), 17-6-28; 38^m.84, António Teuder (F. C. P.), 13-7-47; 38^m.32, Emídio Ruivo (Sp.), 26-8-44; 36^m.75, Eduardo Gonçalves Viana (Braga), 31-7-38; 36^m.34, Matos Fernandes (S. L. B.), 5-10-47; 36^m.27, Cardeal da Fonseca (S. L. B.), 21-7-40.

Lançamento do dardo. — 56^m, Edgard Tamegão (Ac.), 13-7-46; 51^m.48, José Paulo Cardoso (Sp.), 29-6-47; 50^m.98, António Cadete (Ac.), 15-8-43; 50^m.48, Tomaz de Macedo (Bel.), 1-8-42; 50^m.44, Manuel Farinha (Sp.), 8-8-37; 49^m.66, José Garnel (Sp.), 31-7-32; 49^m.43, António Rodrigues (Bel.), 8-8-43; 49^m.12, Barreiros Gomes (Bl.), 15-7-39; 48^m.72, Adriano Pires (Cif), 31-7-32; 48^m.60, Arsénio Soares (Sp.), 27-7-35.

S. C.

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

IX—O salto em altura (Continuação)

A época de 1926 foi bastante animada e ficou assinalada pelo conjunto de bons resultados obtidos pelos saltadores portugueses.

Nas provas escolares, o melhor salto em altura foi alcançado por Palhares Costa (3.º agrapamento na Festa Nacional de Educação Física) que transpôs 1^m,69, novo recorde da categoria. Entre os concorrentes do 2.º agrapamento (menos de 15 anos) o melhor foi Santos Marques, com 1^m,60; finalmente, no campeonato universitário, saiu vencedor Vasco Sobral Dias, o estilista da viragem interior, com idêntica marca.

No torneio da Taça António Stomp, organização do Sporting considerada campeonato regional de juniores, voltou a ganhar Palhares Costa, repetindo 1^m,69, seguido por Araújo Ferreira, com 1^m,62. Sucedeu neste concurso um caso curioso: Amândio Pascoal Rodrigues e Manuel Alberto classificaram-se terceiros com 1^m,58, mas entraram em desempate, alcançando o primeiro 1^m,64 e o segundo 1^m,63, resultados superiores ao do saltador segundo classificado oficialmente.

No Norte organizaram-se três concursos, com os seguintes resultados: campeonato militar, Fernando Rodrigues com 1^m,50; campeonato do Porto, António Jorge Dias e Adolfo Brito, com 1^m,62; campeonato do Norte, Adolfo Brito, com 1^m,62,5.

No regional de Lisboa, Pascoal de Almeida conquistou o título com 1^m,70. O nacional foi extraordinariamente animado e o primeiro lugar foi repartido entre Pascoal e o estreante seu colega no Sporting, José Ferreira Cabrita, com 1^m,725. O terceiro foi o campeão nortenho, Adolfo Brito, com 1^m,70.

Ferreira Cabrita, vindo de Caldas da Rainha, tinha um estilo extraordinário, parecendo voar sobre a barra. Era dotado de invulgar elasticidade, infelizmente prejudicada pelo total desconhecimento dos processos de saltar.

Em 22 e 23 de Agosto, celebrou-se na pista do Lima o segundo encontro Portugal-Espanha, alcançando Pascoal de Almeida a coroa de campeão ibérico, com 1^m,70, mas causando grande desilusão o fracasso de Cabrita, eliminado a 1^m,50. Como perdemos o match por um ponto, pode dizer-se que este preceito inesperado nos custou a vitória.

Finalmente, a encerrar a época, disputou-se o torneio do clube português Nan'Alvares; no salto em altura com corrida, venceu Pascoal com 1^m,68, seguido por Brito, 1^m,63 e Apio de Almeida, 1^m,60; no salto sem corrida, três homens do Sporting, Palhares Costa, Fernando Elói e Pascoal, transpuzeram 1^m,33, o que lhes dava os pontos necessários, desistindo de prosseguir.

O ano de 1927 pouco adiantou; nas provas do início da temporada foi o junior Santos Marques (S. C. P.) quem melhores resultados alcançou: 1^m,67 na Taça A. Stomp e 1^m,62 na Taça Artur Santos.

Outros vencedores: José Prazeres, no campeonato das Escolas Superiores, com 1^m,48; Bengala Reis no regional de juniores, com 1^m,56; J. Prata de Lima, no campeonato das Escolas Superiores do Porto, com 1^m,55; Acácio Mesquita no regional do Norte, em juniores e seniores, com 1^m,65 e 1^m,55.

Contra a expectativa geral, no campeonato de Lisboa verificou-se a derrota de Pascoal de Almeida que, descuidado no



Pascoal de Almeida, campeão ibérico de 1926, no 2.º Portugal-Espanha disputado em Agosto de 1926

treino, não foi além de 1^m,65; os seus companheiros de clube, Ferreira Cabrita e Palhares Costa passaram 1^m,70 e subida a barra para 1^m,75 só Palhares conseguiu transpor, alcançando o primeiro lugar e um resultado que era, ao tempo a segunda marca portuguesa. Este êxito foi alcançado graças a uma mudança no seu estilo habitual, enxertando no golpe de tesoura vertical um golpe de rins com rotação externa.

Infelizmente, Palhares inutilizou-se no domingo seguinte, para o resto da época; seleccionado para o Porto-Lisboa, depois de vencer na prova com 1^m,65, foi tentar 1^m,70, sofrendo forte distensão muscular na coxa, que o impedia de prosseguir.

Privado do mais perigoso competidor, Pascoal venceu o campeonato nacional com 1^m,70, resultado que repetia com idêntico sucesso, no concurso do Académico. Os segundos foram, respectivamente, Adolfo Brito e Araújo Ferreira, ambos com 1^m,60.

A primeira prova de 1928 foi no torneio da Taça Salazar Carreira, disputada por equipas mixtas (um senhor, um junior e um principiante) com a novidade de ser a classificação estabelecida pelo adição das três marcas. O Sporting venceu com duas equipas, tendo Pascoal atingido 1^m,70, Santos Marques, Palhares, e Brito e Abreu, 1^m,63. O último, ao tentar a altura superior, teve uma queda desastrosa e lachou um cotovelo, sem gravidade de maior, pois lhe reduzimos imediatamente, mas saliente para impedir que continuasse saltando.

A melhor competição da temporada foi a do encontro Porto-Lisboa, na qual Pascoal venceu com 1^m,75, Maltieira transpôs 1^m,70 e Acácio Mesquita, 1^m,65.

Este Maltieira, como Brito e Abreu, tinha magníficas quali-

dades, mas desapareceu do atletismo ao cabo da temporada.

Pascoal de Almeida venceu todos os concursos em que participou: 1^m,70 no nacional e 1^m,72 na Figueira da Foz; ausente no regional, foi o título para Maltieira, depois de desempate com Palhares Costa, a 1^m,65.

A mesma superioridade em 1929: no campeonato de Lisboa passou à primeira tentativa 1^m,74, proeza que repetia no nacional; de ambas as vezes tentou melhorar o recorde, com 1^m,83, falhando no propósito. No concurso do Belenenses venceu com 1^m,72.

O «eterno» segundo da época foi Palhares Costa que, nestes três concursos, conseguia 1^m,68 — 1^m,69 e 1^m,67, alcançando ainda o melhor resultado na Taça Salazar Carreira, 1^m,64.

A temporada trouxe-nos uma vitória internacional, no 2.º Porto-Galiza, em que Mesquita e Brito saltaram 1^m,60, vingando o desaire do encontro anterior, no qual o galego Carri venceu com 1^m,65.

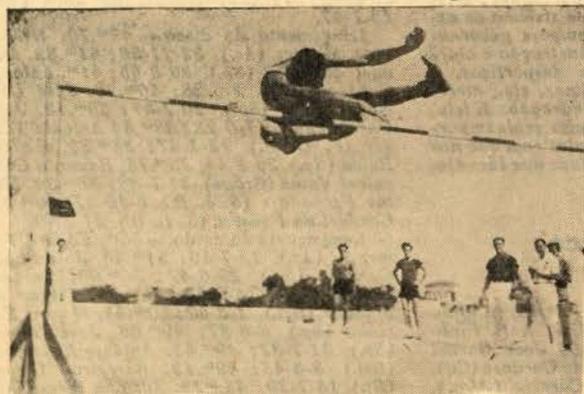
Nada de notável a assinalar em 1930; competições numerosas, nada menos de treze, mas fracos resultados.

O melhor homem da época foi o portuense Adolfo Brito, campeão nacional com 1^m,74 e vencedor do Porto-Lisboa com 1^m,70, das duas vezes batendo os melhores lisboetas, Palhares e Cabrita com 1^m,64 e o conimbricense Luis Agular, que fora campeão nacional de juniores com 1^m,65 e vencedor do Coimbra-Lisboa com 1^m,64.

Registe-se ainda a marca do almadense Júlio Luis, que no torneio de juniores organizado pelo Belenenses, transpôs 1^m,67, proeza sem seguimento.

Salazar Carreira

(Continua)



O junior Costa Macedo, que foi dos primeiros saltadores a aplicar o rolemento, no Lisboa-Barcelona de Julho de 1934

Stadium já se encontra instalada na sua nova Sede, na RUA DA ROSA, 252, 1.º, sendo para esta direcção que deve ser enviada toda a correspondência.

Stadium

EM ELVAS



Numa posição correcta, Machado
livra-se da entrada de Sidónio

No círculo — O excelente salto
de um defesa de Guimarães

ARCÁDIA O DANCING N.º 1 Apresenta um excepcional pro-
gramma de variedades com
DA CAPITAL
DESMERS ET LISA
CARMELITA DEL RIO e MARUJA HERRERO
e o famoso estilista **JORGE CARDOSO** com **CHOVA** y sus **MUCHACHOS**
argentino
ORQUESTRA ARCADIA com o vocalista **MARY VALLE**
Abertura às 22 horas — 1.ª parte de Variedades às 24 e 26

A qualidade superior, a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança e a protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

SÃO AS TRÊS GARANTIAS
QUE FAZEM DA LUBRIFICAÇÃO

Sonap

a lubrificação que se impõe!

Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina
Petróleo
Gazoil
Lubrificantes

Massas consistentes
Vazelinas
Parafinas
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80
LISBOA

Rua de Santo António 45,
PORTO

Rua da Sofia
COIMBRA

As últimas provas

e a classe do jogo em Portugal

O jogo desportivo que maior número de praticantes conta em Portugal retomou, depois do período de férias, e na eminência de entrar em defeso, uma actividade acelerada; mal concluído um primeiro torneio, os clubes entram em disputa de segundo e, simultaneamente, do campeonato nacional.

Na ausência do Técnico, o Estoril Praia foi o vencedor da prova — «Taça Associação», sobrepondo-se ao Sporting, que era o favorito. Nesse encontro-final, que serviu para inaugurar o campo de jogos na sede dos «leões», na rua do Passadiço, a categoria de jogo não passou da mediação, mas a assistência muito numerosa seguiu com interesse e paixão nas fases da luta.

No ginásio do I. S. T., onde em sessões se têm sucedido os encontros do Torneio de Encerramento e da «poule» de apuramento do Campeonato Nacional, o público nunca faltou e o calor das manifestações demonstra a evidência quando o espectáculo lhe agrada.

Se acrescentarmos ainda o êxito de agrado das organizações de voleibol no Porto, onde os clubes recolhem apreciáveis receitas, teremos elementos bastos para poder afirmar que a modalidade conquista posição de interesse popular, correspondendo ao seu incremento desportivo em quantidade e

qualidade. Porque se não pode negar que em Portugal se pratica muito bom voleibol, com categoria para medir forças com a maioria dos países europeus.

Assistimos, por exemplo, há alguns meses em Paris, ao «match» França-Itália e sem hesitação, declaramos que o nível de jogo não foi superior ao que desenvolve normalmente entre nós uma boa equipa de clube, levando em conta, claro está, a diferença de nivelamento de valores que sempre se verifica entre uma selecção e um grupo clubista.

Nem sequer falamos, neste confronto indirecto, em clubes franceses, porque aqueles que vimos em acção — apesar de categorizados — deixaram-nos muito fraca impressão.

Para o ano próximo está estabelecida a organização em Itália de um torneio internacional preparatório do campeonato de Equipas; Portugal foi convidado e é indispensável que compareça, para o que é preciso estudar com muita antecedência o problema e as suas contingências.

Enclausurando o voleibol português nos limites das competições internas, perde-se experiência e limitam-se possibilidades. Considerado entre nós como o melhor, o mais saudável e educativo dos jogos desportivos, o voleibol merece muito mais e muito melhor.

José de Eça

A «linha» do seleccionador espanhol

caso o Portugal-Espanha se disputasse agora

(Continuação da pág. 5)

Pela primeira vez, Zarra foi excluído das reuniões preparatórias da equipa nacional. Baixou de forma, e sofre, por outro lado, uma distensão que sofreu há pouco em Madrid. Pabíño, do Celta, e Cesar, do Barcelona, estão convocados. O primeiro é o que melhor época leva e é também o melhor «goal-scoring» da Liga. E Cesar jogou muito bem a avançado-centro no primeiro treino.

Igoa e Herrera (do Sevilha) serão os interiores esquerdo. De um jogo semelhante, os dois são bons; mas nenhum deles tem a verdadeira classe



Igoa (do Valência) e Herrera (do Sevilha)

— centro — Silva e Zarra, se melhorarem. Interior-esquerdo — Herrerita, do Oviedo, na hipótese de se refazer de uma lesão que o apoquentou; Campos, do Atlético de Madrid; Juanete, do Tarragona; Molowny, do Madrid; e Aretio, do Celta, também magoado presentemente.

Que sairá de tudo isto, não o sabemos. Mas podemos afirmar que há jogadores. Que as táticas, ainda não adoptadas uniformemente por todos os clubes espanhóis começam a pôr-se em prática em quase todos eles, o que fará com que os jogadores não estranhem o plano da Selecção. E que se confia em fazer um excelente papel, tanto contra Portugal como contra a Irlanda. O tempo dirá se há motivo ou não para pensar assim.

Já de volta de Lisboa, falamos com Guilherme Eizaguirre. Continuará regularmente os treinos. Se ele fizesse, agora, a Selecção de Espanha, pelo que apuramos, devia constituir-se da seguinte forma:

Eizaguirre; Clemente e Curta; Antonio, Muñoz ou Patel, e Nando; Epi, Panizo, Cesar, Igoa e Galza.

E, vamos lá, trata-se de uma linha delimitada com inteligência.

Eizaguirre disse-nos que já lá vai o período de ver e revêr valores. Agora, trata-se de dar fundo ao grupo representativo de Espanha com a implantação de um sistema.

Ignácio Eizaguirre é indiscutível. Clemente joga bem como defesa lateral e Curta no centro do terreno. Como, por outro lado, não há dois defesas para cobrirem os extremos adversários, apesar de haver um mé-

internacional. Para extremo-esquerdo estão Gainza, arqui-conhecido, e Escudero, do Atlético de Madrid apesar de no seu clube figurar como suplente. Um caso semelhante ao de Querejeta com Hernandez Coronado. Era substituto de Clemente em Madrid, e foi escolhido para jogar em Lisboa e Dublin.

Há vários e bons jogadores para a dianteira, que não foram chamados. E aqui, não censura, mas uma advertência queremos fazer: há alguns dos chamados que não têm as condições de outros que ficaram de fora. Para não molestar ninguém nem ferir susceptibilidades, não apresentaremos nomes. Assinalemos, unicamente, nomes de jogadores que podem figurar na Selecção com honra e cumprindo:

Extremo direito — Navarro, do Sabadel; Iriondo, do A. de Bilbao. Interior-direito — Alonso, do Madrid (magoado presentemente), e Berrinaga do mesmo clube. Avançado-



Pabíño (do Celta) e Gainza (do A. de Bilbao)

aberturas e os encerramentos de linha branca apresentados neste problema».

(É de facto um notável problema, também com uma bela chave. A variante temática é apresentada num exemplo de dupla abertura e encerramento de linha branca. Quando 1... Re5, o Cdo, despregando-se, dá mate em f7 abrindo as linhas da Td8 (sobre d5) e da Dama (sobre e6), permitindo o encerramento temático da linha do Bg8 em relação aqueles casas do campo do rei negro).

Comentários-extra de Vasco Santos

dio-centro capaz de fazer de terceiro defesa, jogará Nando recuado, o que está dentro das suas características.

A linha da frente está admiravelmente traçada, e não deve causar surpresa a circunstância de Cesar ser colocado no centro do ataque, já que no Barcelona ele ocupa posto diferente por necessidade de arranjo. Também não deverá pôr-se de lado o alinhamento de Pabíño.

Evidentemente, de aqui até o Espanha-Portugal de 21 de Março muita coisa poderá ocorrer. Mas sabe-se ao certo como caminha a Selecção de Espanha e qual é o caminho a seguir. — R. M.

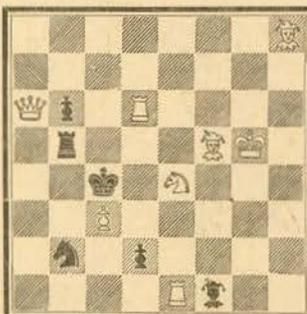
INICIATIVAS DA «STADIUM»

O «match» Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

e) Os oitavos classificados

Tema Portugal

J. G. MARIZ GRAÇA
Coimbra

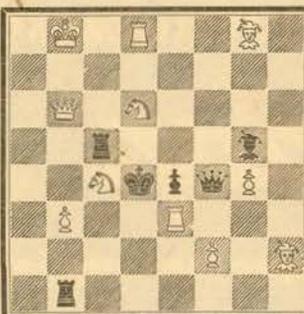


Classificação: Kipping: 8 pontos (5.º); Seilberger: 5 (8.º) = 13 pontos.

O veredicto do juiz C. S. Kipping: (Tema P, J. G. Mariz Graça, Sol. 1.Txb6!) De muito simples estratégia, porém a chave dá duas taças em jogo muito económico. Há numerosos exemplos de despregagens pelo rei negro, alguns com duas despregagens do Bispo, porém aqui o

Tema Espanha

O. PIRES DE CARVALHO
Lisboa



Classificação: (6.º-8.º aequo). Kipping, 7 pontos (6.º); Seilberger: 5 (8.º).

interesse reside na sua união com o mate pela bateria indirecta do Cavallo-Bispo. (Sem dúvida, a chave mais brilhante do Concurso, V.S.).

Tema E. P. Carvalho, Sol. 1.Ca5: «Ainda que existam outros exemplos de despregagem pelo Rei negro, parecem novas as

FUTEBOL

Em Inglaterra

Chegaram as chuvas, já fora de tempo, e com elas a lama fez a sua aparição nos campos de futebol. Daqui em diante as surpresas crescem, tornando as previsões mais difíceis e os trabalhos das equipas menos seguros.

Falando de surpresas, temos de nomear a primeira derrota do Preston North End, segundo classificado da 1.ª Divisão, derrotado «em casa» por 3 a 1, depois de ter acabado a primeira parte vitorioso (1-0).

Em quinze minutos de carga cerrada, os Wolves introduziram o esférico nas redes contrárias, forçando o Preston a descer ao terceiro lugar da escala, lado a lado com o Burnley, que leva também meia dúzia de pontos de diferença mas possui melhor média de tentos.

Burnley ganhou o Sunderland (4-0) e apresenta-se como a principal ameaça ao «leader», cuja invencibilidade já parece exagero da sorte. Na verdade, o Arsenal, consumando o 12.º triunfo em dezassete batalhas deve mais ao M da sua defesa que ao W da sua linha deanteira.

Macaulay, L. Compton e Mercer constituem a linha de médios mais produtiva de todos os grupos da 1.ª Divisão.

Os três principais clubes da região provincial chamada Midlands — Derby, Aston Villa e Wolves — viveram o seu dia grande, ganhando no terreno dos adversários.

Charlton conseguiu o primeiro gol depois de meio minuto de jogo, mas, daí por diante, a linha defensiva desmoronou-se e concedeu cinco tentos sem resposta aos avançados do Derby County.

Este clube jogará no sábado (29) contra o Arsenal, terreno próprio, e meio mundo quererá assistir ao match.

A vitória do Aston Villa sobre a equipa do Stoke City (2-1) é o terceiro triunfo consecutivo, podendo atribuir-se ao «marinheiro» Brown, um importante papel nesse feito.

Na 2.ª Divisão o clube londrino Tottenham Hotspurs afirma-se fortemente como possível promotor. Agora venceu o Fulham, fora de casa, por 2-0, proeza nada banal. O mais relevante de todos os factos ligados com a vida deste clube é a circunstância de todos os seus jogadores terem sido fabricados «em casa», isto é, nenhum foi obtido por meio de transferência. Nos últimos seis desfilios Tottenham triunfou sempre e só consentiu um tento contrário!

Deante de si tem uma tarefa árdua pois o West Bromwich, Birmingham e Newcastle — todos vitoriosos neste último sábado — vão adiante dele e na ordem indicada.

Newcastle bateu Cardiff por 4-1 o que eleva a 39 o número de golos marcados ao máximo da 2.ª divisão.

West Ham, outro grupo londrino, vai em quinto lugar depois do empate com o Brentford, no campo deste, por 1-1.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A última semana constituiu o epílogo da época equestre europeia, relativamente ao ano de 1947. Referimo-nos, como é óbvio, às corridas sem obstáculos, cujos teatros de operações, tanto franceses como ingleses, ganharam fama internacional entre os fanáticos do «turfs».

Entra-se agora nas corridas de Outono, cujo expoente máximo em Inglaterra e na Europa é o célebre Grande Nacional de Liverpool.

A época estival caracterizou-se pelo domínio quase absoluto dos «puro-sangue» criados em França sobre os seus congéneres ingleses. Nada menos que três das cinco provas primordiais do calendário — A Taça d'Ouro de Ascot, a Taça Goodwood e a Taça Coroação — foram apanágio dos cavalos e proprietários do continente, facto este que se produziu pela primeira vez.

Outro acontecimento deveras extraordinário deve-se ao joquei Gordon Richards, cuja lista de vitórias bateu os melhores resultados conhecidos. Pela vigésima vez, em vinte e três anos consecutivos, Richards conseguiu levar maior número de montadas vitoriosas até ao poste de chegada, do que qualquer outro joquei da presente época.

Não contente com isso, bateu o seu próprio recorde mundial que fixou em 269 triunfos. O precedente, conseguido em 1933, era de 259.

Outros dados estatísticos notáveis são os seguintes: o proprietário que maior total de prémios conquistou foi Aga Khan, o chefe espiritual dos muçulmanos. Arrecadou 44.019 libras.

O criador de cavalos que obteve maiores prémios com animais saídos das suas coudelarias foi o referido Aga Khan, igualmente.

O treinador mais feliz chama-se F. Darling, e é-o pela quinta vez em cinco anos. Finalmente, o cavalo reprodutor de maior mérito foi «Nearco». A vida do «turfs» já não possui o brilho de há dez lustros e tende a desaparecer, pouco a pouco. Os grandes proprietários não aguentam as despesas consideráveis a fazer com as suas equipas e os próprios milionários, são forçados a desfazer-se delas.

Isto, pode anunciar a alvorada de um mundo novo, muito trivial e dominado pela platidão mais descolorida que é possível. No entanto, o espectro de uma época galante, snob, e cheia de requintado chiquismo perdurará por muitos anos, a atestar na lembrança dos homens o apogeu do desporto hípico no começo deste século.

R. B.

As «Ligas» de Espanha

A 10.ª jornada da Primeira Divisão ficou incompleta, visto a neve tornar impraticável o campo em que se disputava o jogo R. Madrid-Espanhol que se disputará no decorrer desta semana.

Apuraram-se os seguintes resultados:

Barcelona..	2	—	A. Madrid..	1
Oviedo...	4	—	Sabadell..	2
Alcoyano..	0	—	A. Bilbao..	4
Tarragona..	1	—	Valencia...	0
Celta.....	1	—	Sevilha...	1
R. Sociedad	3	—	Gijon.....	2

O A. de Madrid sucumbiu em Las Cortes, mostrando no entanto a sua força actual. A. de Bilbao triunfou no campo do fraeco adversário. Oviedo e a Real Sociedad venceram, em sua casa. O Ginás-

tico de Tarragona deu a grande surpresa, obrigando o leader a conceder os dois pontos. Celta e Sevilha, duas equipas categorizadas, travaram luta igual, com benefício para os andaluzes.

O desafio que ficou por disputar não influirá nos primeiros postos. O grupo da cabeça com 14 pontos, é agora formado por Valência, Sevilha e Barcelona, seguindo-se o Celta com 13 e o A. de Madrid com 11. As forças principais são equilibradas.

Na Segunda Divisão, eis os resultados:

Castellon..	2	—	Ferrol.....	0
Corunha...	7	—	Murcia....	1
Valladolid..	1	—	Mestalla...	0
Maiorca...	5	—	Badalona...	3
Granada...	1	—	Malaga....	3
Levante...	4	—	Hercules...	1
Baracaldo..	3	—	Cordova...	0

BOXE

Jackie Paterson, campeão novamente

A Federação Inglesa resolveu revogar a sua decisão que retirou os títulos, de «mínimos» e «levíssimos», mundial e da Europa, ao pugilista Jackie Paterson.

Este gesto deve atribuir-se à pressão exercida pelo tribunal de Londres, ao pronunciar-se favoravelmente num litígio suscitado pelo jogador de boxe, impugnando a sentença da Federação.

Proietti contra Thompson

Roberto Proietti detentor do campeonato da Europa da categoria «leves» regressou dos Estados Unidos, onde se encontrava, para combater a 9 de Dezembro, em Londres, contra o titular inglês Thompson.

Manifestou enorme aborrecimento pelo facto do juiz do seu recente match contra o negro Johnny Williams ter sido parcial, durante a contagem dos segundos que propositadamente demorou, por ocasião da queda do referido adversário durante o 1.º round.

O árbitro, vendo Williams em dificuldade e entontecido, contemporizou lentamente até que o negro se refez. Daí em diante, Proietti enervou-se e perdeu o combate por pontos.

Acosta vencido por Lovell

O negro Alberto Lovell, de nacionalidade argentina, apresentou-se ao público valenciano pela primeira vez. Foi seu adversário o bem conhecido «meio-pesado» Acosta que ofereceu pouca resistência acabando por sucumbir ao 4.º assalto, por knockout técnico.

Billy Fox ganhou a Jake La Motta

O negro Billy Fox, o segundo «semi-pesado» do mundo, lutou agora com Jake La Motta, um dos mais cotados pesos-médios da actualidade. O combate durou pouco e foi todo a favor do negro, que terminou por lançar à lona o seu adversário. Quando o resultado estava já patente, o árbitro interveio para salvar La Motta do knockout.

Corre, todavia, o boato de que La Motta apostou na chance do negro e por isso se julga que o match não foi sincero.



Apesar da oposição do adversário, o internacional Araújo consegue driblar e ligar o jogo



Gulhar luta com Fernando Calado, e o perigo passa!

O F.C.P. CONTINUA INVENCÍVEL!

Calado chutou, embora em má posição, mas Barrigana, bem colocado, defendeu com êxito.



Uma defesa fácil de Santiago, do Boavista



A cerimônia da inauguração do Centro de Medicina Desportiva, no Porto, a que presidiu o sr. coronel Sacramento Monteiro

Aspectos do ACADÉMICO--VILA REAL



Apesar de carregado, Silveira defende!



Como foi marcado o golo do Académico...



Uma defesa, apertada e difícil, de Silveira, guardarede do Vila-Real